

## ESPECIAL EXPOINTER



# Tempo de recomeçar

COM A ENCHENTE, OS GAÚCHOS VIVERAM DIAS MUITO DIFÍCEIS.  
MAS COM TRABALHO E RESILIÊNCIA, O ESTADO PROMOVE A RECONSTRUÇÃO.  
PÁGINAS 6, 8, 14, 15, 16, 20 E 21.

CONSERVAÇÃO

**O solo é a base de  
tudo na agricultura**

Páginas 10 e 11

SUSTENTABILIDADE

**Projeto ABC+ evidencia  
as suas contribuições**

Páginas 18 e 19

VITIVINICULTURA

**A mostra que enaltece  
os vinhos regionais**

Páginas 24 e 25

## A reconstrução do Rio Grande do Sul começa pela Agricultura Familiar

Vinicius Medeiros/Divulgação



A agricultura familiar no Rio Grande do Sul é responsável por cerca de 80% dos estabelecimentos produtivos no Estado, conforme dados do IBGE. Valorizar esse segmento é essencial para a reconstrução do nosso Estado, após os eventos climáticos de abril e maio. A recuperação econômica e produtiva

depende, em grande parte, do fortalecimento da agricultura familiar.

No final de julho, lançamos o Programa Agro-família, uma iniciativa destinada à fortalecer a agricultura familiar e incentivar a agroindustrialização dos produtores. Com um investimento superior a R\$ 200 milhões, esta ação única visa apoiar os grandes produtores das pequenas propriedades. A abrangência do programa é um de seus pontos fortes, contemplando agroindústrias, jovens, pescadores artesanais e comunidades quilombolas, além de promover um robusto programa de incentivo à cadeia leiteira.

Outra medida importante promovida pelo governo do Estado foi o aporte destinado ao Pavilhão da Agricultura Familiar na Expointer 2024, que comemora 25 anos da primeira vez que uma feira do segmento foi realizada no evento, em 1999. Serão 413 empreendimentos, o que representa o maior número de expositores da história do espaço.

Enfrentamos um dos ciclos mais desafiadores de nossa história. Um ano se passou desde que celebramos os recordes de expositores, de público e de vendas no Pavilhão da Agricultura Familiar, em 2023. De imediato, vieram as chuvas de setembro, que atingiram o Vale do Taquari, seguidas das cheias de novembro, que voltaram a lastimar a mesma região e ainda parte do Alto Uruguai, até nos depararmos com a histórica cheia de abril e maio.

A força por trás da reconstrução do Rio Grande do Sul vem da Agricultura Familiar, de trabalhadores dedicados que, incansavelmente, labutam em suas propriedades, produzindo alimentos para toda a população gaúcha.

O governo do Estado, por meio da Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR), tem se empenhado em promover políticas públicas robustas, que atendam às necessidades da população, oferecendo oportunidades e qualificação às famílias. Com apoio dos extensionistas da Emater/RS-Ascar, a SDR e o Governo Estadual estendem sua mão às famílias de agricultores gaúchos, levando suporte em diversas atividades agrícolas. Essa atuação visa contribuir para a geração de renda, qualidade de vida no campo e na cidade.

**Wilson Covatti** – Secretário de Desenvolvimento Rural do Rio Grande do Sul

## Expoiner: resiliência e superação

Gustavo Mansur/Divulgação



Vivemos recentemente momentos de desafios. Talvez tenhamos sido testados. Mas o povo gaúcho e o nosso Agro mostraram, mais uma vez, que somos fortes, resilientes e que não desistimos facilmente das batalhas. Há um longo caminho a ser percorrido para a reconstrução do Estado do Rio Grande do Sul,

mas, juntos, vamos superar mais esse episódio da nossa história e sair ainda mais vigorosos.

O Governo do Estado tem buscado, dentro das suas possibilidades, construir um novo cenário para a nossa gente, com políticas públicas que cheguem até a ponta e a quem mais precisa. Na Secretaria da Agricultura, buscamos estruturar medidas, em parceria com as entidades de diversos setores, que auxiliem os produtores rurais para a retomada plena das suas atividades. Ações para a recuperação de solos estão em construção, que é um dos bens mais preciosos de um produtor, além da continuidade de medidas já em andamento, como o programa de irrigação, que visa aumentar a produtividade agrícola no Estado.

E a Expoiner deste ano reúne e simboliza toda essa garra. De reconstrução, de superação, mas também de solidariedade dos gaúchos, brasileiros e de tantas pessoas espalhadas pelo mundo, que viraram os olhos para o Rio Grande do Sul.

Mais uma vez os holofotes estão voltados para essa feira, que é considerada a maior a céu aberto da América Latina. São nove dias do que há de mais moderno em inovação, em tecnologia de ponta, muito visto nas máquinas e implementos agrícolas, além do melhor em genética e nas mais diversas raças. Sem falar na Agricultura Familiar, que tem sido destaque em todas as edições (e nesta não será diferente), que contribui não apenas para o fortalecimento do desenvolvimento regional, mas também para a segurança alimentar e nutricional da população.

Também é na Expoiner que a cidade e o campo se aproximam ainda mais, até como uma oportunidade de conhecer mais de perto os processos e a excelência do agronegócio gaúcho. Em 2023, chegaram a passar pelo Parque Estadual de Exposições Assis Brasil, em Esteio, mais de 820 mil pessoas.

A 47ª Expoiner, não tenho dúvida, será mais uma grande edição dessa feira que tem papel importante na retomada econômica do Rio Grande do Sul e que expressa que somos resilientes para reconstruir o nosso Estado. Com as mãos de muita gente, teremos de volta o Rio Grande pujante, forte e aguerrido de sempre.

**Clair Kuhn** – Secretário da Agricultura, Pecuária, Produção Sustentável e Irrigação

## O trabalho da Extensão Rural no enfrentamento às mudanças climáticas

Rogério Fernandes/Divulgação



Mais uma vez a Emater/RS-Ascar está presente na Expoiner, maior feira agropecuária a céu aberto da América Latina. Em cada uma das parcelas do espaço institucional estaremos demonstrando aos visitantes as atividades trabalhadas pelos extensionistas nos 497 municípios do nosso Estado. Destacamos também a importância da nossa participação na

construção, na formação e na formalização das milhares de agroindústrias familiares que estarão exposto no Pavilhão da Agricultura Familiar, um dos espaços mais procurados pelos visitantes. Os produtores têm a oportunidade de interagir com os compradores, contando suas histórias e trazendo à mesa da população aqueles produtos que têm o sabor da nossa infância.

Neste momento histórico pelo qual passamos, que exigiu tanto de cada um de nós, esta Expoiner ficará marcada como um grande momento de reconstrução. Não só de cada propriedade e agroindústria assistidas pela Emater/RS-Ascar, mas também do nosso Parque Assis Brasil.

Neste ano, mais do que nunca, testemunhamos a verdadeira essência da garra e da superação que definem nosso povo gaúcho. Em meio a desafios sem precedentes, enfrentamos calamidades que poderiam ter abalado qualquer um, mas optamos por nos erguer mais fortes e resilientes do que nunca.

Na 47ª Expoiner, celebramos não apenas nossas conquistas, mas a determinação incansável de nossos agricultores e criadores, que enfrentaram adversidades climáticas severas com coragem e perseverança. Cada desafio superado representa não apenas uma vitória pessoal, mas um exemplo vivo de como, juntos, podemos transformar desafios em oportunidades.

Por este motivo, como tema central de nossa participação, teremos "O trabalho da Extensão Rural no Enfrentamento às Mudanças Climáticas". A Emater/RS-Ascar está ao lado de cada produtor, apoiando e incentivando práticas sustentáveis, inovação e resiliência.

Em nossa jornada rumo ao futuro, reafirmamos nosso compromisso com o desenvolvimento rural integrado e sustentável, promovendo o crescimento econômico e social de todas as regiões do Rio Grande do Sul.

Esta feira é a da reconstrução, para mostrar ao Brasil e ao mundo que somos corajosos, fortes e bravos.

Que esta Expoiner seja um símbolo de esperança renovada e um tributo à força inquebrantável de nossa comunidade rural. Unidos, continuaremos a construir um futuro mais promissor para todos.

Juntos somos mais fortes!

**Mara Helena Saalfeld** – Presidente da Emater/RS e superintendente geral da Ascar

MEU  
**AGRO**  
É BRDE

**A reconstrução do Rio Grande conta com a força do Agro.**

brde.com.br

**BRDE na Expoiner 2024**

Nossa participação reflete a importância das parcerias com toda a cadeia do agronegócio para impulsionar a inovação, o desenvolvimento sustentável e a reconstrução do nosso estado.

**BRDE** **CRÉDITO PARA INOVAR E DESENVOLVER.**

# A GARANTIA DE BONS NEGÓCIOS NO CAMPO.

cm<sup>pc</sup> 

VISITE A CASA DA CMPC NA  
EXPOINTER, NA DIAGONAL  
DO ESPAÇO SIMERS.



Aponte a câmera do seu  
celular e acesse o site.

Mais do que um Programa de Fomento Florestal, o RS+Renda é um investimento no presente e no futuro do nosso Estado. A CMPC, parceira de confiança dos produtores rurais, tem condições especiais para quem deseja fazer dinheiro com o plantio de eucalipto. Ao firmar parceria com essa grande empresa, você colhe resultados de curto, médio e longo prazo. Além disso, estimula o desenvolvimento do Rio Grande do Sul e garante um futuro melhor para as próximas gerações.

Venha fazer bons negócios no campo.

CONDIÇÕES ESPECIAIS

# RS + Renda

PROGRAMA  
DE FOMENTO  
FLORESTAL

# COOPERAÇÃO PARA REERGUER O RS

SISTEMA OCERGS LIDEROU AÇÕES PARA AJUDAR O COOPERATIVISMO GAÚCHO A ENFRENTAR AS DIFÍCULDADES CAUSADAS PELAS ENCHENTES

A essência do cooperativismo é a colaboração entre pessoas com um interesse em comum, uma união de esforços. E maio de 2024 vai ficar para sempre na História e na memória dos gaúchos. Não só pela catástrofe climática que deixou o Rio Grande do Sul, quase em sua totalidade, embaixo da água, mas também pela solidariedade e pela ajuda. O Sistema Ocergs liderou ações para ajudar o cooperativismo gaúcho a enfrentar um dos piores momentos no Estado, ações estas que também ajudam a economia gaúcha e as microempresas e empresas de pequeno porte.

Logo no início de maio nasceu o Coopera RS, ação que durou até o Dia do Cooperativismo, celebrado no dia 6 de julho. Mais de 30 cooperativas brasileiras fizeram parte da campanha, que arrecadou cerca de 950 toneladas de alimentos, cerca de 40 mil peças de roupas, mais de 20 mil litros de água mineral, além de uma média de 400 toneladas de produtos de limpeza. Desde o início das ações, 31 colaboradores do Sistema Ocergs auxiliaram no recebimento, na organização, na logística e no envio das doações, que chegavam de todo o Brasil e partiam para diversos lugares do Estado.

Agora, lugares como supermercados darão espaços ao novo movimento do Sistema Ocergs: “Céu, Sol, Sul, Terra e Coop”. Com ele, a população em geral poderá identificar nas prateleiras produtos de cooperativas gaúchas por



meio do selo “Compre das Coops Gaúchas”. Dados do Expressão do Cooperativismo 2024 mostram que, em 2023, o faturamento das cooperativas registradas no Sistema Ocergs – de R\$ 86,3 bilhões – representou 13,5% do PIB do Rio Grande do Sul.

“O cooperativismo tem uma força que é só dele. Desde o impulsionamento da economia,

como um todo, até o desenvolvimento de pequenas comunidades. E no Rio Grande do Sul isso não é diferente. Pelo contrário. E, justamente por isso, estivemos, desde as primeiras horas de maio, acompanhando a situação climática e já trabalhando ações para ajudar e dar forças ao povo gaúcho”, ressalta o presidente do Sistema Ocergs, Darci Hartmann.



## Participação na formulação do Pronampe aos gaúchos

O Sistema Ocergs teve papel ativo na formulação do Pronampe e para a publicação da Portaria nº 1.267/2024, contribuindo com sugestões durante o processo de discussão desta política, entre maio e agosto de 2024. A iniciativa contou com o apoio do Sistema OCB, Fecoagro/RS e ramo cooperativo.

O Programa Nacional de Apoio às Microempresas e Empresas de Pequeno Porte (Pronampe) teve o montante disponível para empréstimos duplicados, alcançando R\$ 5 bilhões para apoiar pequenos negócios em todo o país. A iniciativa faz parte das diretrizes estabelecidas pela Portaria do Ministério da Fazenda nº 1.267, de 8 de agosto de 2024, que busca amparar pequenos negócios afetados por eventos climáticos extremos ocorridos em maio deste ano no Rio Grande do Sul.

A portaria regulamenta as Medidas Provisórias nº 1.216/2024 e nº 1.245/2024 e estabelece desconto de 40% para operações de crédito, cobrindo um custo total de até R\$ 2 bilhões. O desconto será oferecido durante o processo de contratação e apenas a uma operação por empresa. Negócios com faturamento anual bruto de até R\$ 360 mil receberão pelo menos 25% dos recursos.

Os empréstimos do Pronampe contam com condições vantajosas para pequenos negócios. O diferencial do programa é a possibilidade de parcelamento dos empréstimos em até 72 meses, com carência de 24 meses.



somos **coop**



# É O MEU

# RIO GRANDE

# DO SUL

# CÉU, SOL, SUL, TERRA E

*coop*



Escaneie o QR Code  
e assista ao vídeo.

O cooperativismo  
sempre fortaleceu o  
nosso estado e juntos  
vamos reconstruir o  
Rio Grande do Sul.  
**Onde se coopera  
cresce e o que mais  
floresce é o amor.**



**SistemaOcergs**

OCERGS | SESCOOP/RS | ESCOOP

# A dura tarefa de recomeçar

**ESPAÇOS TURÍSTICOS DO VALE DO TAQUARI ATINGIDOS PELAS ENCHENTES REÚNEM FORÇAS PARA RETOMAR AS ATIVIDADES**

**TIAGO BALD**

“O que nos motiva é ver as pessoas perguntando quando voltaremos, se já estamos oferecendo almoços ou abertos para visitas. Isso nos faz pensar na importância do nosso trabalho e que não merecemos terminar assim”. A declaração do empreendedor rural Marciano Brandão, de Muçum, tem inevitavelmente uma ponta de desalento. Especialmente diante do cenário de destruição que hoje se vê na Casa Brandão, um espaço que até o último mês de abril, antes das trágicas enchentes que assolariam o Vale do Taquari no mês seguinte, recebia visitantes para cafés coloniais, almoços típicos e eventos de todos os tipos. Mas, ainda assim, a manifestação guarda a esperança que pode ser o combustível para o recomeço.

No caminho para o famoso Viaduto 13, e também no percurso que leva ao Trem dos Vales e que guarda certa proximidade com o Cristo Protetor, o local era procurado por grupos que não apenas aproveitavam a farta gastronomia, mas

também a hospitalidade da família, que se unia ao ambiente tão acolhedor quanto bucólico. Tudo em uma área arborizada, florida, cheia de cores e de vida. Com o espaço devastado pela enxurrada, depois que o Rio Guaporé alagou praticamente todo o ambiente de convivência, em uma enchente nunca antes vista, a família Brandão, formada ainda pela esposa de Marciano, Michely; pela mãe Celita e pelos filhos pequenos, se empenha em reunir forças para tentar retomar as atividades.

“Por toda a nossa história, a nossa trajetória, nunca pensamos em desistir”, reflete Marciano. “Podemos até recomeçar em outro lugar, talvez até demore um pouco mais, mas a ideia é seguir na agricultura”, reforça. Para quem vê o antes e o depois da Casa Brandão, o impacto é grande. O que torna ainda mais valiosa a perseverança da família, que perdeu não apenas os objetos que compunham a infraestrutura do local, como móveis, utensílios, cadeiras e eletrodomésticos, mas também as plantas, a vegetação do entorno e o solo, totalmente danifi-



Marciano junto à Casa Brandão, de Muçum, duramente afetada pela enchente

cado após as águas invadirem o empreendimento, integralmente.

De acordo com Marciano, o prejuízo pode chegar a R\$ 500 mil. Além disso, havia uma agenda cheia, prevista até o final do ano, com casamentos, formaturas, encontros de grupos e festas de 15 anos. “É um dinheiro que não entra e que, consequentemente, não faz o giro”, avalia o produtor, explicando que a renda de Michely, que atua como professora em uma escola local, tem auxiliado

a manter parte das contas em dia. “Fora isso, há ainda o prejuízo emocional, o trauma que fica, os medos que retornam a cada vez que se inicia uma chuva e que são situações com que precisamos lidar”, salienta.

Dona Celita comenta que sempre gostou da chuva. “Para quem viveu do plantio a vida toda, especialmente da cana-de-açúcar, como era o nosso caso, era um processo natural conviver com as variações de clima”, pondera. Para Marciano, os dias de colheita e de sol eram tão agradáveis como os de chuva, que era quando a

família ficava no galpão preparando melado, rapadura, açúcar mascavo e outros derivados que formariam o embrião do empreendimento que, quase dez anos atrás, seria formalizado. “A gente começou como uma agroindústria familiar e muito provavelmente retornaremos dessa forma, com um passinho atrás”, analisa.

Por mais que os turistas anseiem pelo recomeço e se manifestem favoráveis ao retorno do empreendimento, Marciano explica que a retomada também depende de outros fatores externos, ligados ao turismo. O Trem dos Vales, por exemplo, não está em operação e talvez leve mais algum tempo até ser regularizado, já que depende da concessionária que administra as ferrovias do Estado, a Rumo Logística, responsável por dar condições aos trilhos e túneis da região. Já a propriedade da família, onde está a Casa Brandão, também levará meses para ser reformulada. “É muito lodo, entulho, e mesmo a revitalização da terra pode ser um processo demorado, que depende não apenas de boas políticas públicas de recuperação, mas também de que a chuva simplesmente pare”, salienta.

CONTINUA NA PÁGINA 8

**EQUIPAMENTOS FORNECIDOS E FABRICADOS PELA ROVLER.**

- SECADORES ESTÁTICOS DE MILHO, FEIJÃO, NOZES. • AQUECIMENTO DE ESTUFAS HORTÍCOLAS. • TELAS, PORTAS DE SAÍDA DE GRÃOS, CONTROLADORES DE GRAUS E TERMÔMETROS DIGITAIS. • VENTILADORES CENTRÍFUGOS (TURBINAS) COM BALANCEAMENTO ELETRÔNICO E ESTÁTICO • TODOS OS EQUIPAMENTOS PARA SECAGEM DE VEGETAIS, MEDIANTE ORÇAMENTO. • FORNALHAS À LENHA, ALIMENTADOR DE FORNALHAS (CAVAQUEIRA)

Secador Rotativo para Nozes, (conjugado com uma fornalha à lenha e pellets com alimentador automático)

Turbinas para secadores, diversos tamanhos e outras finalidades

Secador estático com base inclinada

Fornalha sem fumaça para diversas utilidades

Secadora de Amêndoas com fornalha elétrica e despejo automático

Silo secador modelo EMATER

Máquina de exclusão de nozes vazias

Colhedor de nozes

Secador Estático com Fornalha Elétrica, com controle automático de temperatura (usável em secadores estáticos, rotativos e silos de grãos)

**ROVLER INDÚSTRIA, sempre inovando e lançando novos equipamentos, para atender um mercado cada vez mais exigente.**

Fone: (51)3741-8728 / (51)99644-0064  
e-mail:rovler@rovler.com.br site: www.rovler.com.br



Rio Guaporé alagou e arrasou praticamente todo o centro de convivência do local



Prejuízos em toda a estrutura são calculados em cerca de R\$ 500 mil pela família



# EXPOINTER

Tecnologia aliada  
ao seu negócio.

2024

SLC Máquinas  JOHN DEERE



# O receio com a ameaça constante

**"NÃO ESTAMOS LIVRES DE PASSAR POR SITUAÇÃO PARECIDA E NÃO QUEREMOS VIVER ISSO NOVAMENTE", DIZ PRODUTOR**

**TIAGO BALD**

A família Brandão, de Muçum, estuda reiniciar em outro espaço, na cidade vizinha de Doutor Ricardo, investindo no plantio de hortaliças, que mais adiante podem se converter em uma agroindústria familiar com produtos minimamente processados. "Na realidade, eu sempre gostei dos cultivos orgânicos", salienta Marciano, ao explicar que a área, distante 20 quilômetros de onde residem, na localidade de Santa Lúcia, é menor, mas pertence à família. "Temos uns pés de eucalipto plantados lá, que, quando colhidos, podem gerar renda e dar espaço aos novos cultivos", lembra dona Celita.

Sobre a propriedade onde está a Casa Brandão atualmente, a ideia é operar com estrutura mínima para atendimento. "Não estamos livres de passar por situação parecida e não queremos viver isso novamente", observa o proprietário. Comovida, dona Celita lembra os dias de terror vividos pela família na madrugada do dia 1º de maio, quando as chuvas se ampliaram, sem hora para terminar.

"Tivemos de fugir a pé pelos morros, em direção ao trilho de trem, com o Marciano indo na frente e voltando para nos buscar quando verificava que havia segurança", recorda. "Para além das cheias, o medo era dos deslizamentos", rememora o produtor.

Esse contexto, que também traumatizaria o filho de apenas cinco anos, que teme a enchente, seja qual for o volume de chuvas, faz com que os Brandão pensem nessa mudança de modalidade. "A gente seguiria recebendo grupos para almoços, turistas de passagem, mas tudo de uma forma mais simples, que nos permitisse uma melhor mobilidade em caso de nova catástrofe", destaca Marciano.

Os apoios nas esferas municipal, estadual e federal, com políticas públicas, como de habitação, podem dar novo ânimo. "Hoje, por mais que tenha amor por esse chão, não consigo olhar aqui para a rua, para frente, para esse monte de barro e não ter um sentimento ruim", ressalta. "Ainda assim, são mais de três décadas de trabalho aqui, toda uma rotina que tínhamos, que faz com que fique mais complexo o mero abandono".



Um lugar aprazível e aconchegante foi destruído pelas chuvas em poucos dias

Para a extensionista Tatiane Turatti, da Emater/RS-Ascar, para além da perda do senso de pertencimento ao local em que a família construiu a sua história, a sua identidade, é preciso lidar com todos os tipos de faltas, de ausências que situações assim acarretam. "Não há sequer uma horta ou um pequeno pomar que pudessem servir ao autoconsumo, o que amenizaria a situação", reflete. Para os agricultores, o cultivo do próprio alimento é parte

integrante de sua cultura, de seu ideal de proximidade com a natureza, de tranquilidade e qualidade de vida. "E em um episódio catastrófico como esse, tudo isso se vai junto com a memória, os objetos pessoais e a história como um todo", avalia.

E é por isso tudo que, em linhas gerais, é tão difícil recomeçar. A Emater/RS-Ascar está ao lado dos agricultores familiares, das agroindústrias, dos empreendimentos de turismo. Apoiando também na desburocratização de políticas e apresentando soluções que possam amenizar a dor das famílias. Outras entidades, como

o Arranjo Produtivo Local (APL) e a Associação dos Municípios de Turismo da Região dos Vales (Amturva-les), que opera um programa chamado Somos do Vale (veja box abaixo), que busca a revitalização dos empreendimentos, também têm dado suporte. "Óbvio que nessas horas há uma rede de solidariedade, com muitas mãos trabalhando juntas", declara Tatiane. Mas o caminho é pedregoso.

Se depender do ânimo e da perseverança de Marciano e de sua família, a Casa Brandão deve voltar em breve. Em cinco anos, ele calcula que mais de 25 mil pessoas passaram pelo local. A cada final de semana eram cerca de 250 a 300 pessoas, que compartilhavam histórias, trocavam experiências, se divertiam e tiravam fotos no belo local.

## O QUE SE FAZ DEPOIS QUE TUDO ISSO ACONTECE?

"A gente trabalha um pouco, limpa, aproveita os dias de sol, lava mais um pouco, organiza, tira o lodo e vai sonhando com dias melhores", anima-se Marciano, lembrando que a família já passou por outras enchentes, em 2001, 2010 e no ano passado. "Mas estamos aqui, vivos, e é isso que importa", finaliza.

## SOMOS DO VALE

Lançada no final do mês de maio, a campanha Somos do Vale tem o objetivo de revitalizar a economia local, promover o turismo e reconstruir os empreendimentos afetados por recentes calamidades, impulsionando o Vale do Taquari a novos patamares de desenvolvimento e prosperidade. A iniciativa é da governança em turismo da região, em parceria com diversas entidades locais e regionais, entre elas a Emater/RS-Ascar, na intenção de focar em um dos setores mais afetados pela tragédia climática.

O presidente da Amturva-les, Charles Rossner, reforça o fato de a solidariedade ser um dos imperativos da ação. "A ideia é trabalhar para mitigar os impactos dos desastres naturais, fornecendo algum amparo para o setor turístico do Vale do Taquari", comenta. Pautada por três pilares — reconstrução, treinamento e promoção do destino —, a campanha combinará marketing digital, uso de Inteligência Artificial, parcerias com influenciadores, imprensa regional, blogs e portais de turismo, além da força orgânica de divulgação dos próprios empreendedores.

De acordo com Rossner, é fundamental em um primeiro momento compreender a importância do turismo na região como uma cadeia econômica relevante, que mobiliza várias famílias, que tem o seu sustento baseado direta ou indiretamente nele, sejam elas agroindústrias familiares, restaurantes, hotéis ou empreendimento de lazer. "Posto isso, diante dessa realidade diferente da esperada, auxilia-se os empreendimentos em reconstrução, qualificação e preparação para a retomada", explica. "A ideia é atacar em todas as frentes, com divulgação de quem segue atendendo e prestando apoio a quem necessita de ajuda financeira e material para a reconstrução", frisa.

Como parte das ações, o Adote um Empreendimento também tem estimulado empresas a apoiarem agroindústrias ou espaços de turismo afetados, seja por meio da reconstrução ou limpeza, seja viabilizando o escoamento da produção. Em uma das experiências, uma ótica de Santa Maria, a Sílvia Joalheiro, decidiu comprar um lote inteiro dos doces de leite da empresa Estrelat, de Estrela, na intenção de fazer o estoque girar. "A ideia é possibilitar a esses empreendimentos reestabelecerem suas atividades, sendo fundamental a união das empresas gaúchas nessa hora", afirma a sócia proprietária Taís Beuren.

**A EFICIÊNCIA COM QUALIDADE E SEGURANÇA**  
**NO PÓS-COLHEITA**

SISTEMA DE EXAUSTÃO E ILUMINAÇÃO NATURAL

SECAGEM EM SILOS POR EQUILÍBRIO HIGROSCÓPICO

HOMOGENEIZADOR DE GRÃOS AUTOMÁTICO

DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO  
**Cycloar**  
tecnologia + inovação natural

Tecnologia Agroindustrial  
**QualyGran**

SIGA-NBSI  
 51 9 9585.3122

www.qualygran.com.br | ÁGUAS CLARAS, VIAMÃO/RS - CEP: 94519-899 | Tel: 51 3498.2903



## Sicredi na Expointer.

Não é só uma feira.  
É a retomada do RS.



Diferente dos outros anos, a edição 2024 de uma das principais feiras agropecuárias da América Latina tem um outro significado: representa o orgulho e a força do povo gaúcho. E, no Sicredi, você conta com crédito, consórcio, financiamento, investimento e mais uma série de soluções para retomar seu agronegócio.

**Visite nossos espaços.**

De 24/08 a 01/09.

Eliseu - produtor rural  
e associado do Sicredi

 **Sicredi**

# Precisamos falar sobre os solos

**SISTEMA DE MICROBACIAS REAFIRMA SUA IMPORTÂNCIA PARA AS LAVOURAS E PARA TODA A SOCIEDADE**

**DEISE A. FROELICH**

A experiência de mais de três décadas do sistema de manejo e conservação de solos e água adotado em Doutor Maurício Cardoso, no Noroeste do Estado, atrai visitas de agricultores, técnicos e estudantes de diferentes pontos do Rio Grande do Sul.

O sistema, baseado em microbacias hidrográficas, une propriedades rurais em uma proposta de controle de águas resultantes da chuva e contenção da erosão e é adotado no município desde a década de 1990, resultado de trabalho conjunto entre Assistência Técnica e Extensão Rural e Social (Aters), poder público municipal e agricultores. Ele motivou, por exemplo, a excursão realizada por professores e estudantes do Curso de Agronomia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), campus Cerro Largo, técnicos da Cooperoque, de Salvador das Missões, e da Secretaria Municipal da Agricultura e Meio Ambiente de Cerro Largo, no mês de julho deste ano.



Agricultores, técnicos e estudantes de diferentes regiões gaúchas visitam Doutor Maurício Cardoso para conhecer o sistema de manejo e conservação de solos e água

O grupo foi recepcionado por técnicos da Prefeitura e por extensionistas da Emater/RS-Ascar, que segue com o trabalho de manejo

de conservação do solo em todo o Estado, através de parceria com a Secretaria Estadual da Agricultura, Pecuária, Produção Sustentável e Irrigação (Seapi).

Os futuros profissionais da área de Agronomia, acompanhados pelo professor Douglas Kaiser e por técnicos, participaram de aula prática de demarcação de curvas em nível, na localidade de Esquina Mandurim, e acompanharam a construção de terraço na propriedade de Ari Smaniotto.

## SISTEMA DE MICROBACIAS

O tema torna-se ainda mais importante diante das intensas chuvas observadas nos últimos meses no Estado, com impactos produtivos, econômicos, ambientais e sociais. Conter a erosão, descompactar o solo, infiltrar e/ou manejar a água se tornam grandes desafios neste contexto.

CONTINUA NA PÁGINA 11



**Filmes Agrícolas**

Filmes para cobertura  
Filmes mulching  
Filmes tubular  
Filmes calha



**Irrigação**

Automação  
Tubos e conexões  
Aspersão  
Gotejamento  
Motobombas  
Reservatórios




lauroweber.com.br  
(51) 9 9909.0063  
lauroweberagricola

RS-452, 1100, Centro, Feliz - RS



Trabalhos incluem diferentes estratégias, como curvas de nível e terraceamento

**“Terraceamento consiste na construção de uma estrutura transversal ao sentido do maior declive da área, com o propósito de disciplinar o escoamento das águas da chuva.”**

**DIEGO TIARLES MONTEIRO**  
Extensionista da Emater/RS-Ascar de Doutor Maurício Cardoso

**“A adoção de práticas de conservação de solo e de água nas propriedades pode interferir em um contexto que impacta ao produtor e a toda a sociedade.”**

**RUBENS TESCHE**  
Supervisor do Escritório Regional da Emater/RS-Ascar

# Soluções práticas e muito eficientes

**DEISE A. FROELICH**

Quando o trabalho de microbacias hidrográficas iniciou-se em Doutor Maurício Cardoso, há mais de 30 anos, contou com uma importante união de esforços: apoio da pesquisa pública, através da Embrapa, e de cooperativas e empresas locais que, junto com o serviço de Aters oficial do Estado, prestado pela Emater/RS-Ascar, e o Poder Público, buscavam soluções para os problemas de erosão que afetavam a produtividade local, bem como a infraestrutura de estradas.

O interesse dos produtores em conhecer e adotar o que propunha o conhecimento científico e se atualizar constantemente fez diferença a longo prazo, sendo que por diversas vezes o município conquistou uma das maiores produtividades por hectare do Estado, com destaque para o milho.

Em sistemas conservacionistas adotados em Doutor Maurício Cardoso existem áreas com terraceamento, que contribuem com a con-



Práticas conservacionistas do solo, como a rotação de culturas, são fundamentais para preservar a fertilidade da lavoura

tensão da erosão hídrica, uma das principais preocupações na degradação das lavouras. O extensionista Diego Tiarles Monteiro, da Emater/RS-Ascar de Doutor Maurício Cardoso, explica: “o terraceamento consiste na construção de uma estrutura transversal ao sentido do maior declive da área, com o propósito de disciplinar o escoamento das águas da chuva. Esse canal tem a finalidade de reter e infiltrar ou diminuir a velocidade do escoamento da água da chuva para áreas adjacentes, a de-

pendar do formato do terraço.”

Rubens Tesche, supervisor do Escritório Regional da Emater/RS-Ascar, explica que, para que a função do terraceamento seja cumprida, deve estar inserido em um sistema de práticas conservacionistas que leva em conta também a cobertura do solo, a rotação de culturas com raízes mais profundas e o cultivo em nível ou contorno, entre outros.

Tesche, que coordena o trabalho de Aters na área de solos na região de Santa Rosa, observa que as lavouras

nas microbacias hidrográficas de Lajeado Pedregulho e de Lajeado Londero, no interior de Doutor Maurício Cardoso, são exemplos do uso adequado de práticas conservacionistas do solo, com terraços de base larga em nível interligando lavouras de diferentes propriedades, plantio em nível, rotação de culturas no verão, com milho e soja, e no inverno, com trigo, aveia e canola. “Percebe-se mínima erosão em sulcos e voçorocas, o que evita o carreamento de partículas do solo para o leito dos

rios, o que conseqüentemente reduz o assoreamento e a vulnerabilidade a enchentes, processo tão importante e valioso num momento em que passamos por mudanças climáticas, com excesso de chuvas na sequência de anos de estiagem”, avalia o engenheiro agrônomo.

Além de evitar o escoamento do solo, o terraceamento de base larga em nível contribui para a retenção da água das chuvas excessivas e com o armazenamento dessa água no solo, reduzindo a vulnerabilidade ocasionada pela falta de água disponível para as plantas em épocas de estiagem. “O Oeste do Paraná também é exemplo do uso correto de práticas conservacionistas nas lavouras da Bacia do Rio Paraná, o que evita o assoreamento da barragem de Itaipu”, exemplifica Tesche.

“A adoção de práticas conservacionistas de solo e água nas propriedades pode, portanto, interferir em um contexto que impacta ao produtor e a toda a sociedade”, finaliza o agrônomo.



## EXPOAGRO AFUBRA 2025

De 25 a 28 de março

Realização:



BR 471, Km 161 - Rincão del Rey, Rio Pardo/RS

# Plantas de cobertura: proteção e nutrientes para o solo

**A PRESENÇA DE PLANTAS DE COBERTURA REDUZ O IMPACTO DA CHUVA NO SOLO, DIMINUI OS RISCOS ASSOCIADOS ÀS ENXURRADAS E CONTRIBUI PARA O AUMENTO DA RESISTÊNCIA DO SUBSTRATO. COMO RESULTADO, É UMA ESTRATÉGIA QUE AJUDA A CONTROLAR A EROSÃO DO SOLO**

## MARCELA BUZATTO

Proteção do solo, ciclagem de nutrientes e melhoria nos sistemas de produção. Esses são alguns dos fatores benéficos por trás da estratégia de utilização das plantas de cobertura nas áreas agrícolas. Um dos objetivos da Extensão Rural e Social é levar conhecimento e divulgar tecnologias aos agricultores, em especial as ações que visam à intensificação e à sustentabilidade dos sistemas produtivos. Por essa razão, a Emater/RS-Ascar vem trabalhando a utilização das plantas de cobertura, especialmente em cultivos outonais.

Na região Norte do Estado, Unidades de Referência Técnica (URTs) são estudadas em diferentes cenários, com o cultivo de plantas de serviço, que propiciam a cobertura do solo e a ciclagem de nutrientes, bem como de cereais de inverno, que proporcionam oportunidades para a colheita de grãos, silagem, pré-secado e forragem.

## POR QUE UTILIZAR PLANTAS DE COBERTURA?

“O Rio Grande do Sul possui uma condição ambiental rica em oportunidades. Essas características ambientais, associadas aos diferentes tipos de solo, permitem ao Estado grande diversidade de sistemas produtivos e essa dinâmica na agricultura, com cultivos de ciclo mais rápido, traz para os sistemas de produção de grãos, por exemplo, uma nova realidade. O solo é cultivado, em média,

120 a 140 dias pela cultura de verão e 120 a 140 dias pelo cultivo de inverno. Dessa forma, caso o produtor adote um sistema de cultivo com rotação ou sucessão de culturas de verão e de inverno, o solo é cultivado por 240 a 280 dias ao longo do ano, podendo ficar em pousio por até 125 dias”, avalia o engenheiro agrônomo Luciano Schwerz, extensionista rural da Emater/RS-Ascar.

Esse cenário é agravado, segundo ele, pelo fato de serem cultivados no Estado 6,5 milhões de hectares com a soja no verão e, no inverno, apenas 1,8 milhão de hectares com trigo e demais cereais de inverno. Isso ocasiona um período de pousio superior a 225 dias no ano. “Essa prática tem um impacto significativo na perda de carbono para a atmosfera. Somado a isso, há perda de carbono através da oxidação dos restos culturais, ocasionando uma menor oferta de substrato para que os microrganismos do solo possam se reproduzir e acumu-

Fotos: Marcela Buzatto



Em Unidades Técnicas de Referência (URTs) são estudadas diferentes espécies

lar matéria orgânica, levando a um empobrecimento químico, físico e biológico dos solos”, destaca Schwerz.

Além da perda direta, o pousio facilita a presença de plantas voluntárias, geralmente invasoras, que podem apresentar resistência a herbi-

cidas, o que remete ao aumento dos custos de produção aos agricultores. “É importante salientar que as plantas voluntárias geralmente possuem baixa produção de palhada e raízes, resultando em um solo desprotegido do impacto das gotas da chuva por um longo período, favorecendo os processos erosivos”, acrescenta o extensionista da Emater/RS-Ascar.

Outro importante impacto cau-

sado pelo pousio é a perda de nutrientes do sistema produtivo, seja através da erosão ou da lixiviação, tendo em vista que, logo após a colheita da soja, os restos culturais, bem como a degradação de raízes e nódulos da fixação simbiótica de nitrogênio, são degradados, liberando nutrientes para o sistema. Na ausência de uma nova planta que possa absorver e utilizar estes nutrientes, fixando-os no tecido vegetal, ficam susceptíveis a perdas. “A não proteção do solo causa maior oscilação térmica, o que remete a menor atividade biológica do solo”, frisa.

Esta falta de incremento de biomassa microbiana dos solos causa efeitos diretos e indiretos na disponibilidade de água, na dinâmica dos nutrientes, no crescimento e na produção final das culturas. “Portanto, a prática de pousio nos solos gaúchos tem se tornado um grande risco para a manutenção da sustentabilidade agrícola, pois, sem a ciclagem de nutrientes, torna-se difícil a manutenção da fertilidade e da saúde dos solos agrícolas”, reitera Schwerz.



Fertilidade e microbiologia do solo são favorecidas com as plantas de cobertura

## PLANTAR PARA MELHORAR O SOLO: PRINCÍPIO DAS PLANTAS DE COBERTURA

Como o próprio nome já sugere, as plantas de cobertura são cultivadas com o objetivo de cobrir e proteger o solo. São grandes aliadas no controle da erosão hídrica e na recuperação do solo. A palhada deixada pelas plantas de cobertura funciona como uma barreira protetora e, ao se decompor, se transforma em matéria orgânica, contribuindo para a melhoria dos aspectos físicos e estruturais do solo. Plantas de cobertura com sistema radicular denso auxiliam na descompactação e colaboram para o aumento da infiltração de água no solo.

Elencando os muitos motivos que fazem das plantas de cobertura verdadeiras aliadas dos sistemas de produção, destacam-se o combate à erosão, a produção de matéria orgânica e a presença de fauna benéfica, utilizado como isolante térmico, contribuindo para a descompactação do solo, maior fixação do nitrogênio, além de favorecer o controle de plantas daninhas, pragas e doenças, como explica Luciano Schwerz.



Luciano Schwerz comenta que proteção é fundamental no inverno e no verão

## SOLUÇÕES EM IRRIGAÇÃO

Gotejamento \* Aspersão \* Microaspersão

Desde a comercialização dos materiais necessários até a instalação e entrega do projeto no campo!

**AGRONER**  
IRRIGAÇÃO

www.agroner.com.br  
Santa Cruz do Sul

51 3713.2555  
51 99214.4652

# TRANSFORME SUA LAVOURA COM **SOLUÇÕES NATURAIS**

Conheça a **tríade da produtividade** que  
vai virar a chave dos seus resultados



Excelente  
retentor hídrico

Poderoso enraizador  
e solubilizador de  
fósforo (P)

Fonte de Silício e  
Magnésio para  
solo e plantas

Compatíveis e sinérgicas com os melhores biológicos do mercado, nossas soluções **multiplicam os resultados** no campo para reestruturar a microbiota do solo e promover saúde às plantas.

Entre em contato para maximizar seus resultados:

[vendas@ingalagrotecnologia.com.br](mailto:vendas@ingalagrotecnologia.com.br)

(51) 9 9777-2227 | (55) 9 8458-1377



# Emater/RS-Ascar mobiliza ações de reconstrução no RS

**IMPACTOS DAS ENCHENTES NO MEIO RURAL GAÚCHO REAFIRMAM ATUAÇÃO/VOCAÇÃO SOCIAL DOS EXTENSIONISTAS**

**ADRIANE BERTOGLIO RODRIGUES E CARINE MASSIERER**

Em maio as águas abriram caminho para um novo cenário no Rio Grande do Sul, que vitimou famílias e devastou muitos municípios, se constituindo na maior calamidade registrada na história do Estado, e a Emater/Ascar, Instituição que presta serviços de natureza social rural, esteve presente no resgate e acolhimento das famílias, nos comitês de crise, no auxílio às famílias e aos animais e criações, e na estruturação de estratégias para o escoamento da produção de alimentos até a chegada aos consumidores. A reconstrução do modo de vida dos habitantes e agricultores do Estado seguiu a perspectiva de atuação socialmente justa, ambientalmente sustentável e economicamente viável, para possibilitar o retorno e a permanência das famílias no meio rural com qualidade de vida.

Elisângela Froehlich, extensionista e assessora de Assistência Social da Emater/RS-Ascar, esclarece que, diante da tragédia que arrasou o RS, a Instituição atuou e atua em três etapas de ação. Durante a tragédia, o momento era garantir a sobrevivência e o acolhimento das famílias atingidas que, em muitos casos, necessitaram de resgate, tiveram seu terreno e plantio devastados e perderam ou deixaram temporariamente suas casas. “Graças aos profissionais da Extensão Rural e Social, que também realizaram apoio logístico na entrega de recursos, muitas famílias foram encontradas e tiveram acesso a alimentos, mantimentos e insumos, para consumo próprio e para o trato dos animais”, destaca.



Cenários de completa destruição da paisagem e da infraestrutura podem ser observados em várias regiões do Rio Grande do Sul, em especial nas áreas dos vales

A segunda etapa foi determinada pelo levantamento de dados e informações, para serem utilizados pelos governos Federal, Estadual e municipais na construção de políticas públicas. “Os dados apresentados têm muita transversalidade, mas ainda não é possível mensurar tudo o que foi perdido no espaço rural do RS”, lamenta a extensionista.

A terceira etapa é a da retomada, com avaliação conjunta com outras entidades das medidas com as quais atuará em benefício da reconstrução do RS, além de divulgar as políticas emergenciais do Governo do Estado e do Governo Federal, mantendo o apoio constante da Extensão Rural e Social ao produtor rural gaúcho.

“Esse momento da catástrofe cli-

mática foi muito crítico, não só para os moradores do espaço rural, sejam agricultores, povos e comunidades tradicionais, mas também para os nossos colegas, pois muitos extensionistas foram atingidos e tiveram perdas, não só bens materiais, mas perderam terra, solo, e o que a gente chama de modo de vida, e perderam muitas vezes a esperança”, diz, emocionada, ao perguntar “quem vai ficar naquele espaço rural? Quem ainda tem força de vontade para reconstruir? É ali que nós entramos com nossos extensionistas, porque eles conhecem o espaço rural, as estradas, as casas, e estão ao lado dessas famílias, na perspectiva de reconstruir o que com tanto sacrifício foi construído”.

## ESPERANÇA E RECOMEÇOS

No primeiro momento, da sobrevivência e da acolhida, muitos resgates chegaram até as famílias rurais atingidas com a ajuda dos extensionistas, que conhecem os lugares, inacessíveis durante a tragédia. Esse conhecimento, de como chegar até as comunidades e propriedades, o extensionista levou para a Defesa Civil, para as equipes de resgate, o que fez com que muitas famílias fossem resgatadas.

A alimentação, não só para as famílias, mas também para os animais. “O acesso estava comprometido, por isso há lugares onde os colegas foram a cavalo, para saber como as famílias estavam e o que

precisavam”, lembra Elisângela, ao lamentar que o espaço rural, conhecido por ter alimentos em abundância, com as enchentes, virou destruição. “Essas famílias tiveram que ser acolhidas, abrigadas, alimentadas e o extensionista rural esteve sempre ao lado delas”, diz, reconfortada.

A atuação da Emater/RS-Ascar junto aos comitês de crise nas regiões mais afetadas, indicando estradas e abrigos, utilizando redes de WhatsApp, é ressaltada por Elisângela, que elogia a permanente articulação dos extensionistas com os assistidos, mas também com representantes das secretarias da Agricultura e da Assistência Social.

CONTINUA NA PÁGINA 15



Entrega de doações e de mantimentos mobilizaram equipes da Emater/RS-Ascar



O esforço para prestar rápida assistência a famílias rurais foi empreendido em todas as regiões afetadas pela enchente

# O atendimento a públicos especiais

Dentre as aldeias indígenas afetadas, 80% sofreram algum dano material em suas moradias, bens e/ou pertences pessoais. A extensionista Mariana Soares ressalta que, em relação a moradias, as chuvas e cheias extremas provocaram danos parciais ou totais, gerando maiores impactos pelas condições precárias. Além disso, houve perdas de móveis, eletrodomésticos, colchões, roupas e demais pertences pessoais. Os impactos em lavouras foram sentidos em 60% das aldeias, principalmente da cultura do feijão, hortas domésticas ou coletivas, criação de pequenos animais (aves, gado, suínos, entre outros) e na infraestrutura rural.

“O impacto não se dá somente sobre as 126 famílias indígenas atingidas de forma direta pelas enchentes, mas o meio de vida dessas comunidades se dá na perspectiva da produção e comercialização de artesanato, que não é um artigo de primeira necessidade. Não comercializar o artesanato vai afetar diretamente a vida das famílias, porque é um recurso que deixa de entrar”, avalia.

O diagnóstico das comunidades quilombolas atingidas, realizado pela Emater/RS-Ascar, revelou a gravidade dos impactos sofridos pelas populações locais. Foram identificadas 300 famílias desalojadas e 343 diretamente afetadas,

que sofreram com a perda de bens, cultivos, criações animais e estruturas de suas propriedades. Alarmantemente, 90% das comunidades afetadas estavam situadas em municípios que decretaram estado de calamidade ou emergência, evidenciando a extensão e severidade do desastre.

“Este relatório desempenhou um papel crucial, pois serviu como base para que diversas instituições e a sociedade em geral pudessem definir e coordenar ações de mitigação”, ressalta Regina Miranda, extensionista e coordenadora estadual de Assistência Técnica e Extensão Rural e Social (Aters) para Remanescentes Quilombolas do RS. A partir das informações fornecidas, foi possível orientar a distribuição de recursos e a implementação de estratégias de apoio às comunidades impactadas. “Além do diagnóstico, muitos extensionistas se mobilizaram para apoiar diretamente as famílias atingidas, através de doações e outras formas de auxílio solidário, demonstrando o espírito de união e resiliência dessas comunidades diante de uma tragédia de grandes proporções”, analisa Regina.

No que diz respeito aos impactos das cheias sobre os assentamentos da reforma agrária, o extensionista James Roth destaca que foram coletados dados como o número de lotes e famílias assentadas afetadas e

desalojadas, bens comprometidos, impactos nas criações agropecuárias, nos acessos aos assentamentos, na capacidade produtiva, no solo, nas estruturas de reservação de água, áreas submersas e outros impactos relevantes, além das principais necessidades imediatas das famílias. O percentual de assentamentos do RS afetados de alguma forma chegou a 66%, com impactos sentidos em 226 deles e 7.437 lotes.

## MÃOS ESTENDIDAS

Nas enchentes de maio, 3.088 famílias de pescadores artesanais, mesmo tendo muitos deles (2.192 famílias de pescadores artesanais) perdido casas e condições de vida, estavam também na linha de frente, salvando pessoas, mostrando caminhos e apoiando a Defesa Civil e as equipes de resgate. “Então, tiveram papel fundamental nesse momento de crise, apesar da destruição de trapiches e outros equipamentos de pesca”, enfatiza o gerente técnico adjunto da Emater/RS-Ascar, Luis Bohn.

Sobre abastecimento, 120 cooperativas da agricultura familiar foram atingidas, totalizando dez mil famílias associadas. “É alimento que deixa de chegar e é recurso que deixa de entrar para essas famílias”, analisa Elisângela, ao destacar o apoio da Emater/RS-Ascar na articulação para comercializa-



Cadastramento facilitou encaminhamento e acesso a diversas políticas públicas

ção, por 90 dias, de produtos de origem animal com SIM (Sistema Integrado Municipal), em todo o território nacional. “Isso deu um bom impulso na recuperação da autoestima e de recursos para

muitas famílias empreendedoras de agroindústrias que estavam sem conseguir comercializar, por dificuldade de logística, muitas vezes até pelas condições das estradas, interrompidas”.

## REALIDADE EM NÚMEROS

As enchentes de maio de 2024 atingiram 406 municípios gaúchos. Isso representa 9.158 localidades e 206.604 propriedades rurais. “É um número muito alto e diz muito sobre o quanto terá que ser olhado para essas famílias, para que a reconstrução seja na perspectiva de um desenvolvimento sustentável.

De acordo com o Relatório de Perdas da Emater/RS-Ascar, a catástrofe climática afetou 19.190 mil famílias no meio rural, sendo que 14.029 mil tiveram perdas das suas moradias. Há muito a ser reconstruído, até para que a propriedade continue a ser atrativa também para os jovens rurais.

“Assim como vemos o rural como um espaço farto de alimentos, também o vemos como farto de água. Porém 84.519 famílias ficaram sem acesso à água no meio rural, durante as enxurradas. Ou seja, um espaço que nos enche os olhos com a beleza das paisagens, com açudes e rios, ficou sem água para abastecimento humano, sem condições de consumo daquela água”, avalia a extensionista.



Produção de mudas frutíferas arrasada depois das enchentes de abril e maio

## LENTES QUE VEEM

“Muito se fala do que se perdeu no urbano, mas quando se coloca a lente para o rural vemos o quanto esse espaço foi devastado. Precisamos lembrar que esse espaço coloca o alimento nas nossas mesas. É importante ter um olhar com carinho para o rural e é o que a Emater/RS-Ascar faz há mais de 69 anos e vai continuar fazendo por esse povo que vive no meio rural do RS”.

Mais de três meses após a ocorrência das enchentes, que causaram a maior catástrofe climática no Rio Grande do Sul, os extensionistas da Emater/RS-Ascar seguem trabalhando na divulgação das políticas emergenciais do Governo do Estado e Federal. “Estamos acessando famílias, fazendo cadastros e buscando quais impactos sócioclimáticos que atingiram nossos assistidos, e divulgando políticas da Assistência Social e Agrícolas, como Auxílio Reconstrução, PIX SOSRS, Volta por Cima, Auxílio Abrigamento, Aluguel e Estadia Solidária, e Crédito”, cita Elisângela, ao projetar inúmeras renegociações de crédito rural sendo realizadas nos escritórios da Emater/RS-Ascar em todo o Estado, em especial nos municípios atingidos.

Aliás, uma medida adotada pela Instituição foi a instalação de escritórios municipais em áreas rurais onde o acesso às sedes esteja dificultado, de forma a assegurar para as famílias os serviços de Assistência Técnica e Extensão Rural e Social (Aters), assim como disponibilizar as instalações físicas, materiais e equipamentos para outras entidades e instituições que trabalham na linha de frente. Também se destacam ações como a articulação para aproximar produtores e consumidores de alimentos em diversos municípios com diferentes graus de exposição à tragédia, a mediação para o escoamento da produção das famílias



O levantamento de informações foi fundamental nas ações de forma que elas não percam a totalidade de sua renda, o apoio na limpeza de propriedades, o socorro com fornecimento de alimentos a animais e a prevenção de zoonoses, doenças infecciosas transmitidas entre animais e pessoas.

“Importante relembrar a realização da Expointer, e de muitas outras feiras realizadas em nosso Estado, onde muitas dessas agroindústrias atingidas pelas enchentes estarão comercializando seus produtos. Então, vamos, sempre que possível, apoiar os agricultores gaúchos”, finaliza Elisângela.

# Um passo de cada vez

**EM SINIMBU, NO VALE DO RIO PARDO, UM DOS MUNICÍPIOS ATINGIDOS COM MAIOR GRAVIDADE PELA ENCHENTE, OS PRODUTORES COMEÇAM A PLANTAR DE NOVO**

**MARLUSA OLIVEIRA E  
CARINA VENZO CAVALHEIRO**

Sinimbu possui quase 9 mil habitantes. Pelo menos 70% da população vive na área rural e o restante no espaço urbano. A cultura do tabaco é a que mais se destaca, seguida de milho, feijão, frutas e verduras. Por ser um município rural, o serviço de Assistência Técnica e Extensão Rural e Social (Ater) continuado prestado pela Emater/RS-Ascar é essencial para o desenvolvimento da agricultura local. Diante da calamidade que assolou o Estado e destruiu grande parte do município, o acolhimento e as ações prestadas pela Emater/RS-Ascar tornam-se um alento para a população.

Assim que foi superada a noite do interminável 30 de abril, a esperança de um novo recomeço passou a brotar timidamente, não na terra ainda, mas no coração das pessoas. A Emater/RS-Ascar contribuiu com essa fagulha de esperança, iniciando análise já nas primeiras visitas após a enchente, numa logística de deslocamento delicada, na tentativa de mapear o cenário em que se encontravam as famílias e as 220 propriedades assistidas pela Instituição. De início, na agricultura, os problemas enfrentados estavam relacionados à infertilidade do solo e à falta de alimentação para os animais, segundo destaca o extensionista rural Luis Fernando Marion, chefe do Escritório Municipal.

Para ele, a Instituição cumpriu um papel de protagonismo nesse cenário, porque, muito mais do que levantar as perdas e continuar auxiliando com ainda mais força os produtores rurais, foi responsável por implementar, com o apoio de outras entidades, o Conselho Mu-

nicipal de Desenvolvimento Agropecuário, formado por agricultores e demais lideranças municipais. Através do Conselho, inúmeras ações foram planejadas, e aos poucos estão sendo executadas, com o objetivo de recuperar a agricultura local. Entre elas destaca-se o recebimento de trato para os animais, vales-compra para aquisição de insumos agrícolas, mudas de olerícolas e caixas de abelhas para os apicultores. Essas ações foram desenvolvidas por muitas entidades do município e de fora dele, possibilitando à população um novo recomeço, e às entidades o fortalecimento de suas relações institucionais.

“O escritório da Emater de Sinimbu também foi atingido, mas nosso trabalho não podia parar. Trabalhamos de casa, com nossos computadores pessoais, por pelo menos 40 dias, até conseguir nos reestabelecer um pouco mais”, conta Marion. Ele cita ainda que o mesmo aconteceu com agricultores afetados pela catástrofe, que receberam caixas para a produção de mel



Janice Hirsch, com Marion: a propriedade ficou por 38 dias sem energia elétrica

e irão doar pelo menos 1 kg do produto para as entidades beneficentes do município. O mesmo deve acontecer com produtores beneficiados com mudas de olerícolas.

A agroindústria vegetal Nossa Terra, que tem produção focada em aipim e outros derivados, e funcionava há um ano na Linha Rio

Grande, no interior do município, é mais um exemplo de ajuda mútua. Os proprietários Janice e Cristiano Hirsch, que trabalham há mais de 25 anos, ficaram 38 dias sem energia elétrica, perderam toda a produção estocada e as olerícolas plantadas, mas ainda assim se viram motivados a ajudar outras pessoas. Como a

estrutura do empreendimento não chegou a ficar tão comprometida, o espaço funcionou como um centro de distribuição de donativos. “Cada um faz aquilo que o coração manda e essa foi a forma que encontramos de ajudar as pessoas, que, como eu, também sofriam”, conta a produtora rural, com a voz ainda embargada, ao lembrar o que viveu com o filho nos braços. “Ele é o que preciso para seguir em frente. Meu filho é a minha motivação diária”, comenta, esperançosa.

O cenário imposto pela enchente não sai da memória da família, especialmente quando lembram que, ao mesmo tempo em que eram ajudados e auxiliavam outras pessoas, o filho do casal, Nicolas Hirsch, completou seu primeiro aninho. A festa, que prometia reunir muitas pessoas, ter bolo e balões coloridos, não foi possível, mas o processo de reconstrução está sendo. Assim como o pequeno Nicolas dá um passo de cada vez, os pais e outras tantas famílias no Estado inteiro fazem o mesmo.



Marion buscou dar assistência a Janice e Cristiano Hirsch e ao pequeno Nicolas



Águas do Rio Pardinho, que cruzam a região, deixaram um rastro de devastação

**LINHA DE PRODUTOS PARA AGRICULTURA E PECUÁRIA**  
**BEBEDOUROS E CISTERNAS**

**TORRI**

FOSSA SÉPTICA  
FILTRO ANAERÓBIO  
SUMIDOURO

ANEFÁCIL P/ CAIXA D'ÁGUA Ø3,0 m c/ pintura  
BLOCOFÁCIL PARA SILO TRINCHEIRA

MOD. CIRCULAR  
MOD. LINEAR

**ESTE É FORTE E DE CONCRETO!**  
VENDAS: 51 3527.0703 | 51 99988.6672

ACESSE NOSSO SITE PARA MAIS INFORMAÇÕES: WWW.TORRI.COM.BR



Primeiros plantios de olerícolas já se desenvolvem novamente na propriedade



# Eficiência do rebanho inicia no pré-parto

**LIDIANE LOPES E  
ADRIANE BERTOGLIO RODRIGUES**

O manejo pré-parto no rebanho ovino, focando na saúde e produtividade dos animais, é fundamental e os cuidados devem começar meses antes do parto, com práticas como a esquila pré-parto, entre 30 a 60 dias antes do parto. Além disso, é fundamental o manejo nutricional da matriz no terço final da gestação, período em que o cordeiro dobra de peso dentro do útero. Luiz Ignácio Jacques, extensionista da Emater/RS-Ascar, enfatiza a necessidade de suplementar a alimentação das ovelhas, especialmente durante o inverno, quando há deficiência de forragem nos campos nativos.

Marina Sinott, também extensionista da Instituição, complementa as orientações de Jacques com recomendações sobre a vacinação contra clostridioses no período pré-parto, realizada pelo menos 30 dias antes do nascimento dos cordeiros. Marina explica que o tipo de placentação das ovelhas impede a transferência de anticorpos da mãe para o feto, tornando a vacinação crucial para a proteção dos cordeiros. Além disso, o manejo pré-parto deve incluir a revisão dos cascos das ovelhas, em razão da maior incidência de doenças causadas pela umidade, como o footrot, uma infecção bacteriana e contagiosa, que atinge especialmente os ovinos. O controle parasitário também é enfatizado por Marina, pois os parasitas aumentam a contaminação ambiental durante a gestação, podendo afetar o

Fotos: Ellen Bonow







Suplementar a alimentação das ovelhas, em especial no inverno, quando há deficiência de forragem nos campos nativos, é fundamental

cordeiro após o nascimento.

A extensionista destaca ainda a importância do manejo periparto, como a cura do umbigo do cordeiro recém-nascido, para prevenir infecções. A aplicação de iodo ou uma solução com álcool e água é recomendada para proteger a cicatriz umbilical, potencial porta de entrada para doenças. Além disso, a qualidade do colostro, rico em anticorpos e nutrientes, é essencial nas primeiras horas de vida do cordeiro, para garantir sua imunidade e bom desenvolvimento.



Equipe da Emater em conferência do manejo dos ovinos a campo

   [spbrasilventilacao](#)  [SPBrasilVentilacaoLtda](#)

Há 61 anos  
contribuindo com o  
agronegócio  
através das nossas  
soluções em  
ventilação.

Acesse o QR Code e  
conheça todas as nossas  
soluções para o agro.



**OTAM**

Soler&Palau  
Ventilation Group



# ABC+ da Emater/RS busca aumentar a produtividade e a renda da agricultura familiar

**MITIGAR AS DECORRÊNCIAS DAS EMISSÕES DE GASES DE EFEITO ESTUFA É UMA DAS METAS DESSA INICIATIVA, FOCADA NA AGRICULTURA DE BAIXO CARBONO**

ADRIANE BERTOGLIO RODRIGUES

Mitigar as emissões de Gases de Efeito Estufa (GEE) na Agropecuária. Com esse objetivo, a Emater/RS-Ascar desenvolve o Projeto ABC+ (Projeto de Agricultura de Baixa Emissão de Carbono), que visa à expansão de áreas com práticas de produção sustentável, uma forma de adequação da Instituição ao que determinam protocolos climáticos internacionais, como o Acordo de Paris, firmado durante a COP21, em 2015, quando o Brasil se comprometeu a reduzir as emissões em 37% até 2025 e em 43% até 2030.

“Buscamos o aumento da produtividade, a redução dos custos de produção e tornar as propriedades familiares resilientes frente às adversidades climáticas, além de auxiliar os agricultores e os pecuaristas familiares e os demais públicos assistidos e, através de oito tecnologias mitigadoras, contribuir para a sustentabilidade econômica do Estado”, ressalta o coordenador do Projeto ABC+ da Emater/RS, o extensionista rural Elder Dal Prá.

As ações da Assistência Téc-

## CONEXÕES

O Projeto ABC+ da Emater/RS faz parte do Plano ABC+RS, lançado em 2023 pelo Governo do Estado, que sugere tecnologias mitigadoras das emissões para a agropecuária gaúcha. “Nosso foco é a agropecuária, as ações e práticas de produção sustentável”, explica o extensionista, ao listá-las.

nica e Extensão Rural e Social (Aters) e do Projeto ABC+ da Emater/RS consistem na sensibilização de agricultores, na assistência técnica para implantação dos sistemas, práticas, produtos e processos de produção sustentável, implantação de Unidades de Referência Técnica (URTs) nas regiões, capacitação de extensionistas rurais e realização de eventos.

O Projeto ABC+ da Emater/RS busca divulgar e implementar ações em oito práticas de produção sustentável: sistema de plantio direto, sistemas irrigados, recuperação de pastagens degradadas, terminação intensiva de bovinos, florestas plantadas, bioinsumos e sistemas de integração e manejo de resíduos animais.

Divulgação/Emater/RS-Ascar

## SENSIBILIZAÇÃO

O Projeto ABC+ da Emater/RS pretende ampliar a expertise em práticas de produção sustentável, de forma a melhor orientar e prestar assistência técnica aos agricultores e pecuaristas familiares do Estado.

Até o final do ano, serão realizados cinco webinários, abordando as ações dos planos nacional e estadual e o projeto ABC+ da Emater.

O primeiro Webinário aconteceu no 31/07, sobre o Plano ABC+ Nacional, com a participação do coordenador do Plano ABC+ Nacional, Rodrigo Dantas, que integra o Departamento de Produção Sustentável do Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa), e pode ser acessado Youtube da Emater/RS-Ascar.



Instalação de biodigestores, para produção de biofertilizantes e biogás, é uma das iniciativas que fazem parte do Projeto ABC+

## UMA AULA PRÁTICA SOBRE BIOINSUMOS

RAYANE GONÇALVES  
E MATEUS DE OLIVEIRA

A Escola Rural de Ensino Técnico e Médio Ildefonso Simões Lopes, do município de Osório, por meio de parceria com o Escritório Municipal da Emater/RS-Ascar, promoveu uma atividade com os estudantes para demonstração de método com bioinsumos, para aproximar os jovens de alternativas de controle que não degradem o meio ambiente nem contaminem os solos.

O projeto, dividido em três etapas, iniciou com a coleta de microrganismos na área de mata preservada que fica atrás da escola, seguida da preparação e multiplicação do material coletado, e finalizando com a aplicação em unidades experimentais. “Começamos pela coleta de microrganismos autóctones e partimos para o processo de transformação para a fase líquida, pelo método de aeração”, explica o extensionista rural da Emater/RS-Ascar, Claudionir Ávila. O próximo passo será a aplicação no solo e no cultivo de hortaliças, a fim de avaliar o desenvolvimento das plantas com e sem bioinsumos.

“O projeto despertou o interesse dos estudantes, por se tratar de uma ferramenta que eles mesmos podem fabricar, sem grandes custos e de maneira autônoma, insumos que podem ser utilizados na fertilização do solo e na proteção das plantas”, comenta o extensionista rural da Emater/RS-Ascar e engenheiro agrônomo Marcelo Biassusi.

Aluna do segundo ano do Curso Técnico em Agropecuária, integrado ao Ensino Médio, Amanda Gomes Media destacou a experiência e as possibilidades geradas a partir dos novos conhecimentos. “Aproveitamos a oportunidade de

aprender sobre a temática e seus benefícios, podendo reproduzir futuramente em casa ou em lugares em que formos atuar profissionalmente”.

“As palestras e práticas realizadas pelos extensionistas da Emater permitiram aos nossos alunos terem contato direto com esse método agrícola, que cresce exponencialmente no Brasil”, salienta a professora Stela da Costa. Para a educadora, a introdução dos bioinsumos representa a independência de insumos externos à propriedade rural, estratégia capaz de tornar possível uma agricultura mais resiliente, com melhorias tanto relacionadas à sustentabilidade econômica no meio rural quanto à produção de alimentos saudáveis. “Sabemos que a transição é gradual, mas é notável o entusiasmo dos futuros técnicos, o que sugere um potencial significativo para a disseminação de práticas sustentáveis, como a utilização de bioinsumos”, ressalta Stela.

Divulgação/Emater/RS-Ascar



Os estudantes acompanham o preparo de bioinsumos

# As inúmeras ações que se ajustam ao Plano ABC+RS

## SISTEMA DE PLANTIO DIRETO:

Uma das oito práticas de produção sustentável, que compõem o Plano ABC+RS, é o sistema de plantio direto que vai atingir, até 2030, 600 mil hectares de área do Estado, tanto para grãos como para hortaliças. Nesse sentido, a Emater/RS-Ascar irá realizar ações sobre processos de formação dos solos, estruturação biológica dos solos, saúde do solo, plantabilidade, qualidade e tratamento de sementes, manejo integrado de produção, manejo outonal e proteção de cultivos. Para tanto serão implantadas 18 URTs, sendo 12 em 2024. O objetivo é capacitar 280 técnicos, sendo 40 ainda neste ano, e realizar 78 eventos, divulgando as práticas conservacionistas de plantio direto.

**SISTEMAS IRRIGADOS:** Outra ação prevista é a implantação de sistemas irrigados em 216 mil hectares do RS. A relação entre solo-água-planta-atmosfera, legislação ambiental, outorga do uso da água, bem como dimensionamento e automação dos sistemas de irrigação, com ênfase nas práticas de conser-

vação e armazenamento da água no solo, serão temas abordados no subprojeto Sistemas Irrigados, em que a Emater/RS-Ascar irá capacitar cem técnicos e 350 agricultores. Para demonstrar a tecnologia, serão implantadas 168 URTs, sendo 24 neste ano, e realizados sete eventos até 2030.

## RECUPERAÇÃO DE PASTAGENS DEGRADADAS:

Esse subprojeto prevê a divisão das áreas de pastagens em piquetes e a adoção de sistemas de manejo rotacionado. O objetivo do plano estadual é recuperar 1,43 milhão de hectares de pastagens degradadas. Nesse sentido, a Emater/RS-Ascar vai realizar três capacitações de agricultores e técnicos em 2024, e 21 até 2030. Também serão instaladas 32 URTs, e realizados 16 eventos.

## SISTEMAS DE INTEGRAÇÃO:

O Plano ABC+RS também prevê o incentivo aos sistemas integrados de produção, como os Sistemas Agroflorestais (SAFs), em 5 mil hectares, e o de Integração Lavoura-Pecuária-Floresta (ILPF), em 1 milhão de hectares. No caso dos SAFs, o siste-



Na implantação de biodigestores, estão previstas 40 URTs em todo o Estado

ma será planejado de forma a otimizar a interação das árvores, culturas anuais e plantas de cobertura, priorizando árvores fixadoras de Nitrogênio, e incentivada a rotação de culturas. É objetivo da Emater/RS-Ascar promover a contínua capacitação de agricultores (90) e técnicos (110) e implantar dez URTs no Estado.

## FLORESTAS PLANTADAS:

Através do Plano ABC+RS serão implantados 322 mil hectares de florestas plantadas. A Emater/RS-Ascar pretende, capacitar 84 técnicos e 80 agricultores e implantar seis URTs, e ainda promover ações

que incentivem a adoção de sistemas silvipastoris e agrosilvipastoris de manejo sustentável e de práticas de conservação do solo e da água. Será priorizado o plantio de espécies de rápido crescimento, ao mesmo tempo que serão recuperadas áreas degradadas, permitindo a regeneração de florestas nativas.

## BIOINSUMOS:

“Bioinsumos é um dos itens que buscamos divulgar, e é um dos temas em alta no momento, pois prioriza a utilização de produtos biológicos para minimizar os impactos e aumentar as produtividades”, avalia o extensionista Elder

Dal Prá, coordenador do Projeto ABC+ da Emater/RS, ao citar que o objetivo do plano estadual é ampliar o uso de bioinsumos em 1 milhão de hectares, em especial na produção de grãos. A Emater/RS-Ascar também fomentará o uso dos bioinsumos na olericultura e na fruticultura.

## MANEJO DE RESÍDUOS ANIMAIS:

O manejo de resíduos da produção animal é uma prática constante de Aters, e no ano de 2023, foram atendidas 1.046 propriedades. Para o Plano ABC+RS, o incentivo às práticas de manejo de resíduos terá como meta até 2030 dar o destino adequado a 11,8 milhões de metros cúbicos de dejetos. Além disso, e através das ações realizadas pela Emater/RS-Ascar, será incentivada a implantação de sistemas de compostagem para transformar resíduos em fertilizantes orgânicos. Destaque para a instalação de biodigestores para a produção de biofertilizantes e biogás. Neste subprojeto estão previstas 40 URTs e a capacitação de 32 técnicos e de 1.200 agricultores e pecuaristas familiares até 2030.

# Mudas

- variedades de copa e porta enxerto
- desenvolvimento de tecnologias de produção
- melhoramento genético

- ameixa • maçã • pera
- pêssigo • nectarina
- caqui • kiwi
- quebra-vento



41 3253-2940

www.cloneviveiros.com.br  
contato@cloneviveiros.com.br



**Clone**  
V I V E I R O S

# Redes que pescam e que salvam

**PESCADORES DE DIVERSAS REGIÕES DO ESTADO SE ENGAJARAM NO RESGATE DOS ATINGIDOS PELAS ENCHENTES DE ABRIL E MAIO**

**JOÃO VICENTE RIBAS**

Os pescadores artesanais gaúchos costumam se informar e se organizar através de uma série de redes, estabelecidas com o uso de ferramentas digitais. Nos primeiros dias de maio, começaram a chegar nesses grupos notícias de pessoas ilhadas devido às enchentes. Logo perceberam que suas habilidades de navegação e seus equipamentos seriam valiosos naquele momento.

Paulo Felipe Vieira lembra que estava em casa, em Mostardas, vendo o desespero das famílias na Região Metropolitana e foi ficando comovido. “Temos um grupo dos amigos e entramos no consenso de ajudar, porque poderia ter sido com a gente”, conta. Com o apoio da Prefeitura para o transporte dos barcos, pegaram a estrada até Canoas. “Os primeiros dias foram apavorantes, ainda bem que contamos com a ajuda dos bombeiros, porque eu, por exemplo, nunca tinha ido lá, não conhecia”, relata.

Apesar das dificuldades, conseguiram apoiar bastante. Só no primeiro dia, em dois botes, resgataram 320 pessoas no Bairro Mathias Velho. Navegavam em áreas inundadas por cinco a seis metros de água. Paulo teve uma hélice da sua embarcação quebrada, ao bater em cima de um caminhão.

Também de Mostardas, Dejandir Chaves Vieira já conhecia Porto Alegre antes de tomar a decisão de ajudar no socorro. “Quando a gente conhece, parece que é pior ainda tu chegar lá e ver tudo tomado de água. Não dá para acreditar, pessoas em cima das casas, pedindo para sair, é muito triste a cena”, recorda. Mesmo assim, Dejandir garante que os pescadores fizeram tudo o que estava ao seu alcance.

**Os primeiros dias foram apavorantes. Ainda bem que contamos com a ajuda dos bombeiros, porque eu, por exemplo, nunca tinha ido lá, não conhecia.”**

**PAULO FELIPE VIEIRA**  
Pescador em Mostardas

Fotos: João Vicente Ribas



**“Tomara que eu nunca mais precise passar por um momento desses, mas, se precisar, estarei lá de novo.”**

**DEJANDIR CHAVES VIEIRA**  
Pescador

*Profissionais que ao longo do ano se dedicam à pesca, para alimentar suas famílias e abastecer o mercado, da noite para o dia viram-se na condição de salva-vidas*

Sua família apoiou a ida, apesar da ansiedade com a subida da água, que começou a inundar também o Sul do Estado. “A gente soube que estavam precisando, pelo grupo dos botes, quando falamos: ‘vamos agir, a gente pode fazer a diferença’”, diz.

Na Região Metropolitana, apor-

taram pescadores de todo o Estado. “De todos os lugares onde há pescadores, tinha um barco lá fazendo resgate. Nosso litoral aqui foi em peso”, afirma Dejandir. “Tomara que eu nunca mais precise passar por um momento desses, mas, se precisar, estarei lá de novo”, garante.



*Paulo Felipe Vieira, de Mostardas, prontificou-se logo a auxiliar nos resgates*



*Isaias Kaipes, na Ilha das Flores, teve primeiro piso da casa totalmente inundado*

## ARTICULAÇÃO DAS REDES

Quando viu na previsão que a chuva iria superar os 700 milímetros, Sandro Levandoski ficou em alerta. O presidente da Associação dos Pescadores de Cidreira (Aspecid) relata que poucos dias depois começaram a chegar os pedidos de ajuda nas redes de pescadores. Era o ápice da calamidade.

Então, a diretoria da Aspecid avaliou que precisavam auxiliar na coordenação dos grupos, colaborando com a logística de água, combustível, motores, embarcações e tripulações. “Nós faríamos muito mais na articulação de quem fosse, do que se deslocando para lá”, relata.

De Imbé, Giovani Pereira de Souza está entre os pescadores que contaram com a articulação nas redes digitais e com o suporte dos bombeiros. Ele conta histórias das quais não irá esquecer, como a de um senhor que socorreu de cima de uma casa, que não conseguia nem caminhar e há dias só tinha comido uma laranja que passou na correnteza”. Também relata que ainda hoje há pescadores que não conseguem dormir e precisam de ajuda psicológica, pelo impacto do que viveram nos salvamentos.

Apesar de tudo, Giovani se sente gratificado por ter socorrido tanta gente. “Pescadores ribeirinhos perderam casas, móveis, redes inteiras e mesmo assim ajudaram a salvar muitas pessoas”, testemunha.

No epicentro da calamidade climática, Isaias Kaipes descreve o cenário no seu local de moradia e trabalho, a Ilha das Flores, no Rio Guaíba. Sua casa, na beira do rio, teve o primeiro piso completamente inundado e suas redes ficaram inutilizáveis. “Em 40 anos que moramos na Ilha das Flores, nunca vimos uma enchente tão grande como essa”, atesta.

Mesmo assim, engajou-se nos resgates, levando ranchos e resgatando gente nas ilhas e nos bairros ao redor. “O que nós tínhamos que fazer era ajudar o próximo, porque minha família estava bem; tiramos todos daqui. Então, a família estando bem, nós, pescadores, entendemos da água. Por isso, não podia ficar parado nesta situação”, afirma.

Agora, o momento para os pescadores da região é de refazer redes e consertar equipamentos. “Tá tudo travado. Tu sai pelos rios aqui e não vê pescador em lugar nenhum. Os materiais estão todos enterrados na areia, destruídos. Então, o pescador agora, para se levantar de novo, precisa de auxílio para comprar o material”, relata Isaias.

Sua esposa, Vanusa Kaipes, recorda que desde o início gostaria que o pescador fosse ajudar nos resgates, mas não tinha coragem de incentivá-lo. “Porque, se alguma coisa acontecesse, eu não iria me perdoar, porque eu conheço a água, eu sei como é”, diz. Mas logo na volta do primeiro dia, quando Isaias contou que resgatou um amigo próximo em situação grave, percebeu que era isso mesmo que deveria fazer.

CONTINUA NA PÁGINA 21

# O choque quando as águas baixaram

No retorno para casa, após os resgates de emergência, os pescadores gaúchos passaram a enfrentar outras dificuldades. As águas baixaram, mas levaram muita sujeira para o mar. Então encontraram pedaços de embarcações e de casas na correnteza dos rios. Perderam redes, cortadas por entulhos.

Na Barra de Imbé e na Lagoa, ainda enfrentam dificuldades para pescar, pois a água que desceu dos rios, da enchente, não é boa para a pescaria. “Quem ajudou acabou precisando de ajuda”, conclui Giovani Pereira de Souza.

Também de Imbé, Jorge Fernandes da Rosa revela que não esquece o que passou naqueles dias e que está difícil a retomada. “Era um filme de terror, o pessoal ilhado em cima de casa te pedindo socorro, e eu com o barco cheio. Passava por eles e dizia ‘já volto’, então via o desespero daquelas pessoas, crianças chorando dentro do barco, até os cachorros pedindo socorro”, conta.

Rodrigo Dewes, de Palmital (Osório), relata que nos primeiros



Wilson Dias Neves, em Mostardas, ficou 60 dias desalojado com a sua família



Giovani Pereira de Souza, de Imbé, aliou-se na articulação pelas redes sociais

cinco minutos, na chegada à Região Metropolitana, já atuou no resgate de um barco que tombou com crianças dentro. “A água tinha uns cinco metros, porque o barco batia nos fios do telefone. Ali já deu para começar a ver que o troço era feio, salvar aquelas crianças naquela água escura. Mas deu certo, salvamos”, conta.

No retorno para casa, o pescador de Osório demorou a voltar a trabalhar. “Eu vinha e olhava o barco e voltava, e vinha de novo, e foi mais de mês

para ter coragem de botar o barco de novo na água”, recorda. Rodrigo ficou chocado e pensava sempre que tinha mais gente passando necessidade.

Outros, passados três meses da tragédia, ainda não puderam voltar a pescar. Wilson Dias Neves, da Estrada da Caieira (Mostardas), observa a lagoa já em boas condições, mas ficou 60 dias desalojado, esperando a água baixar, e agora está reconstruindo sua casa e sua infraestrutura para a pesca. Wilson recorda que no

início das enchentes não acreditava que a água subiria ali mais de um metro e meio. Chegou a 1,84 cm.

Durante o período de cheias, recebeu muita ajuda e se emociona ao lembrar que o extensionista Gustavo Chaves Alves, da Emater/RS-Ascar, vinha sempre oferecer apoio. “Chegava inclusive quando o que mais eu precisava era um abraço. Mas ele trouxe muito mais que isso. Ele veste a camiseta, porque veio aqui com água grande”, conta.

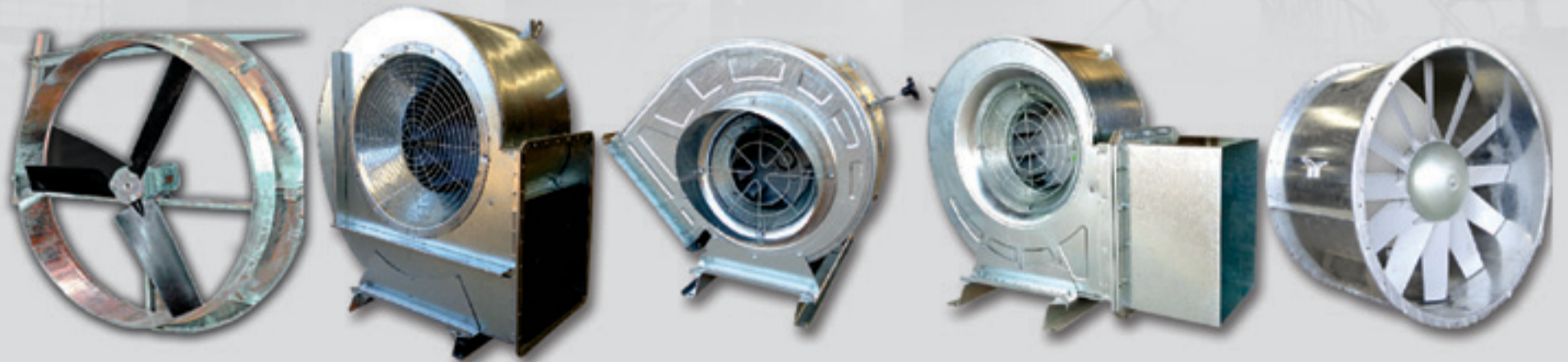
## DOCUMENTÁRIO

A Emater/RS-Ascar realizou uma produção audiovisual com pescadores do litoral gaúcho, contando suas histórias em meio às enchentes. O documentário “Redes que Salvam” pode ser assistido no canal do Rio Grande Rural no YouTube (@EmaterRS).



## Ventiladores e Exaustores Projelmec para:

- Seleção • Secagem • Despoeiramento • Armazenagem de grãos
- Axiais para gado confinado, aviários e postura



Solicite seu orçamento através dos nossos canais de contato:  
vendas@projelmec.com.br ou (51) 3451.5100

[www.projelmec.com.br](http://www.projelmec.com.br)

# Tecnologias sociais certificadas

**DOIS PROJETOS DESENVOLVIDOS PELA EMATER/RS-ASCAR OBTIVERAM RECONHECIMENTO NO PRÊMIO FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL EM 2024.**

## JOÃO VICENTE RIBAS

O Prêmio Fundação BB de Tecnologia Social divulgou os resultados da sua 12ª edição no último mês de junho. Entre os projetos certificados estavam dois desenvolvidos pela Emater/RS-Ascar: um deles voltado à fabricação do tradicional Queijo Serrano; e outro, à proteção de nascentes em pequenas propriedades.

Além do reconhecimento, a certificação respalda a qualidade do trabalho da Instituição para o desenvolvimento rural e social do Rio Grande do Sul. Em anos anteriores, a Emater/RS-Ascar já havia sido premiada, com projetos coordenados pela atual presidente, Mara Helena Saalfeld, que implementam tecnologias de uso do colostro na alimentação animal e humana.

### QUEIJO ARTESANAL

A fabricação de Queijo Artesanal Serrano em pequena escala perpetua um saber-fazer através das gerações, há mais de 200 anos. Durante muito tempo, nos Campos de Cima da Serra, sua elaboração artesanal não tinha amparo na legislação, sujeitando os produtores a uma condição de marginalidade e os consumidores ao risco por falta de inspeção sanitária.

Por isso, a Emater/RS-Ascar começou a atuar no incentivo à qualificação do processo e à legalização das estruturas, contribuindo para preservar a fonte de renda e resgatar a autoestima de popula-

ções tradicionais.

O extensionista Orlando Junior Kramer, da Emater/RS-Ascar de Bom Jesus, um dos responsáveis pelo projeto, recorda que, entre o final do século 20 e o início do século 21, o Queijo Artesanal Serrano esteve seriamente ameaçado de extinção, principalmente por impedimentos e falta de caminhos viáveis para legalização de produção e comercialização, pois as normas eram as mesmas das grandes indústrias, desconsiderando o caráter de produção familiar, com produção sazonal e em pequena escala. “Após esforços de muitas pessoas, em especial da Extensão Rural da Emater, foram inseridas tecnologias simples, com aplicação de Boas Práticas de Fabricação e de Boas Práticas Agropecuárias (essa com foco em qualidade do leite)”, descreve.

A tecnologia social certificada, chamada “Resgate, Qualificação e Certificação de Processo de Fabricação de Queijo Artesanal”, abrange ações realizadas pela Emater/RS-Ascar, produtores rurais e entidades parceiras.

As práticas dessa tecnologia foram apresentadas aos órgãos de pesquisa e de regulamentação legal, como a Secretaria Estadual da Agricultura, Pecuária, Produção Sustentável e Irrigação (Seapi), e foram validadas. “Desta forma, depois de vários eventos técnicos, foi resgatada a comercialização do produto, com valorização econômica, que

Fotos: Divulgação/Emater/RS-Ascar



Queijo Artesanal Serrano perpetua-se através de sucessivas gerações há mais de 200 anos nos Campos de Cima da Serra

era o mais importante para o momento”, conclui Kramer.

Entre os beneficiados está a nova geração da Família Pinto, que segue a tradição há quase 20 anos, no Capão do Tigre, distrito de Bom Jesus. Daiane Macedo Hoffmann e Adler Antônio Pinto Nunes começaram fazendo queijo em pouca quantidade, de três a cinco quilos por dia. Hoje, fabricam de 15 a 20 quilos diariamente, só os dois trabalhando em 50 hectares, ordenhando dez vacas e cuidando do gado de corte e de la-

vouras de pastagem.

Adler aprendeu a fazer queijo aos dez anos de idade com seu pai e afirma que a Emater/RS-Ascar sempre ajudou para melhorar a produção, com cursos de boas prá-

ticas e de ordenha. Atualmente, a comercialização vem melhorando, pois a família Pinto conseguiu o Selo Arte, do Ministério da Agricultura e Pecuária, e pode vender o queijo em todo Brasil.

### PROTEÇÃO DE NASCENTES

Há pouco mais de um ano, a família Cioato, da Linha Marechal Deodoro, em São Marcos, enfrentava o problema da falta de água em sua propriedade, onde criam gado e produzem uvas das variedades Bordô e Niágara rosada, além de tomate, batata-doce e milho.

Em maio de 2023, através da parceria com Emater/RS-Ascar, Sicredi e Prefeitura de São Marcos, iniciaram a escavação manual em volta de uma nascente e em seguida construíram a proteção em torno dela, finalizando em junho. “Colocamos um reservatório para depositar a água e, como benefício, agora temos água para o gado e para a irrigação em uma das lavouras, onde plantamos o milho para os animais, pois antes não tínhamos água suficiente para isso”, afirma Cesar Cioato.

A família ficou extremamente grata pela obra, pois avançou na qualidade de sua produção. Com o resultado positivo, a propriedade sediou um dia de campo para expor o projeto à comunidade, assim como recebeu visita de estudantes na Semana do Meio Ambiente, mostrando a importância da proteção de uma nascente.

A tecnologia socioambiental implantada na propriedade da família Cioato abrange a construção de pequenas estruturas para a captação de água da nascente. Desta forma, é possível impedir a contaminação da água que aflora do lençol freático.

De acordo com o responsável pelo projeto, o extensionista da Emater/RS-Ascar Gabriel Katz, o projeto certificado faz parte do saneamento básico rural. “É uma alternativa para abastecimento de água nas propriedades, principalmente naquelas que não têm sistema público de abastecimento de água”, conclui.

Para essa atividade ser implantada, há um roteiro técnico orientador que a Emater/RS-Ascar finalizou em 2019, com as normas de acordo com o Código Florestal, enquanto atividade de baixo impacto ambiental e de interesse social. Por exemplo, o limite de área de até 25m². Em Áreas de Preservação Permanente (APPs) em processo de degradação, são aplicadas também técnicas de restauração ecológica, o que auxilia na recuperação da vegetação.

Katz comemora a certificação do projeto de proteção de nascentes no Prêmio Fundação BB. “Esse reconhecimento respalda ainda mais o nosso trabalho”, conclui.



A proteção às nascentes em São Marcos serve de referência e de exemplo para iniciativas similares em outros municípios

# Pomar verdinho é pomar protegido

**A PRÁTICA DA IMPLANTAÇÃO DE CULTURAS DE COBERTURA DO SOLO NOS PARREIRAIS E EM OUTRAS ESPÉCIES FRUTÍFERAS DIFUNDE-SE NA REGIÃO SERRANA**

## REJANE PALUDO

Pomar limpinho? Nem pensar! Mas se isso hoje é um consenso, há duas ou três décadas foi um paradigma que precisou ser quebrado. E a Emater/RS-Ascar foi pioneira no trabalho de implantação das plantas de cobertura do solo nos parreirais, e depois em outras espécies frutíferas na região da Serra, em um período em que nem mesmo órgãos de pesquisa adotavam essa prática conservacionista e não havia informações sobre o manejo, além das campanhas contrárias dos vendedores de herbicidas.

O extensionista rural Enio Ângelo Todeschini, do Escritório Regional da Emater/RS-Ascar de Caxias do Sul, lembra que o exemplo veio do Sistema Plantio Direto de grãos e que em todos os parreirais eram usados herbicidas de duas a três vezes por ano, sendo os parreirais praticamente “varridos”. “Era a cultura, gringo dizia, que bisogna mia que i vinhai stesse sporchi (eu preciso manter o vinho sujo, em tradução livre), sujos, que é sinônimo de ervas”, conta Todeschini, acrescentando que no começo se capinava, depois se lavrava e na sequência, nos anos 70, começaram a aparecer os herbicidas de contato, e nos anos 80, os sistêmicos, então não tinha problema de rebrotar.

Foi nesse contexto que a Emater/RS-Ascar foi em busca de agricultores com coragem de mudar. A resistência à adoção das plantas de cobertura se dava principalmente por parte dos “nonos”, que temiam não conseguir encontrar os ninhos de formigas que cortam as parreiras, se molhar, pisar em valos e tropeçar nas pedras. “Já existia um trabalho anterior no município de Bento Gonçalves,

coordenado pelo extensionista Gilberto Salvador, que serviu como experiência positiva e indutora para se transformar em um projeto regional. E aí, há 25 anos, nós começamos com o projeto piloto de aveia preta nos parreirais, que era uma semente barata disponível na Serra, uma gramínea com um ciclo médio-curto, que encerra antes do florescimento das videiras”, explica.

Conforme Todeschini, os objetivos eram claros: reduzir a perda de solo, calcário e nutrientes pela erosão causada pelas águas das chuvas e zerar o uso de herbicidas. “Outro argumento que a gente usava para convencer é que era uma forma de aumentar a matéria orgânica do solo, que é a chave da fertilidade. Até que as parreiras dormiam, no inverno, a gente aproveitava a mesma área e produzia uma massa verde e seca, que além de abafar as ervas nativas, é um manto para o calor e o vento, principal fator supressor de umidade do solo no verão, época mais provável de deficiências hídricas. Então ajuda o parreiral a reduzir perdas de água e, consequentemente, de produtividade”, esclarece Todeschini.

O extensionista rural aposentado Antônio Conte relata que, embora um trabalho desenvolvido em Veranópolis também tenha demonstrado o efeito positivo do uso das plantas de cobertura na redução da incidência de pérola-da-terra e no rejuvenescimento dos vinhedos com morte de parreiras, a adesão dos agricultores começou por motivos bem simples: não sujar os pés e as caixas com uvas colhidas que iam para a indústria.

“A demanda foi muito grande e, em alguns municípios, como Bento

Fotos: Rejane Paludo



Agricultor Luiz Berselli, em Monte Alegre do Sul, foi um dos pioneiros na adoção das plantas de cobertura em suas parreiras

Gonçalves, Santa Tereza e Monte Belo do Sul, os extensionistas faziam campanhas de aquisição coletiva e traziam caminhões fechados de sementes da região Celeiro. Depois começou a introdução de outras espécies, como ervilhaca, trevo branco e principalmente o nabo forrageiro, que nem tinha semente na Serra, ninguém conhecia, e hoje é um grande sucesso. Num terceiro momento, começou o consórcio de espécies e depois também se conseguiu a quebra de outro paradigma muito forte, que era aceitar o azevém presente nos vinhedos, mas malvisto pelos produtores, por ser uma erva espontânea muito agressiva. Ainda hoje tem gente que não aceita, mas sabendo manejar bem é uma ‘baita ferramenta’”, comenta Todeschini.

E junto com a expansão do uso das plantas de cobertura do solo vieram os aprendizados para agricultores e extensionistas. “Não tinha nem uma linha escrita sobre semeadura de plantas de cobertura do solo em vinhedos, nós não sabíamos absolutamente nada de como manejar, quantos quilos, quando semear, como incorporar no solo, então desenvolvemos tudo isso

na chamada tentativa ‘erro e acerto’”, lembra Todeschini. Entre os exemplos de aprendizados, Conte e Todeschini mencionam quando e como acamar as plantas, que demandou diversas tentativas, até chegar às melhores práticas, que são amarrar pneu velho atrás de um tratorzinho ou um galho de árvore verde, que pode bater nas cepas das parreiras e não machucar.

## UMA PRÁTICA DE QUASE TRÊS DÉCADAS

“Isso não pode mudar de maneira nenhuma”, diz o agricultor Luiz Berselli, de Monte Alegre do Sul, um dos pioneiros na adoção das plantas de cobertura nas parreiras no município. Berselli relembra do início, há quase 30 anos, quando foi motivado pelo extensionista local, Aldacir Pancotto (in memorian), e foi ampliando a área, até chegar aos atuais 5,7 hectares com cobertura do solo; dos aprendizados e mudanças, desde deixar de lavar a terra até o acamamento das plantas; das campanhas que traziam sementes de outras regiões, entre outras memórias.

Berselli começou com a aveia, depois veio o nabo forrageiro e há mais de 20 anos mantém somente o azevém, planta com a qual aprendeu a lidar e que para ele representa economia. “Não precisa semear, só deixar ela madurar e nem precisa acamar, ela cai no chão”, relata o agricultor, acrescentando que a palhada também segura as ervas espontâneas.

Para o agricultor, o azevém não compete e nem prejudica as plantas em safras de seca. “Ao contrário, o azevém ajuda, porque ele faz aquela cobertura em cima, não seca a terra fácil, o sol não chega lá embaixo, segura toda a umidade ali e melhora tudo. Tanto que eu produzo mais uva em ano de seca do que quando chove mais, com maior grau, mais peso, maturação melhor. Funciona beleza”, afirma.

Além de melhorar as parreiras, especialmente o vigor da planta, Berselli não utiliza mais herbicidas no verão e não tem perdas de adubo e de solo pelas chuvas. “Não perde o solo, se tira a metade do adubo, porque elas produzem uma adubação fora de série (matéria orgânica), e não deixa correr a água no meio do parreiral, e é uma maravilha na época da colheita. Imagina se eu tivesse a minha terra ainda aqui lavrando e deixando limpo, passando veneno, eu teria ainda parreira? E agora com toda chuva que veio, não teria lavado tudo?”, deixa o questionamento para que quem ainda não adotou a prática possa refletir.

**“Era a cultura, gringo dizia, de que bisogna mia que i vinhai stesse sporchi (eu preciso manter o vinho sujo, em tradução livre), sujo que é sinônimo de ervas.”**

## ENIO ÂNGELO TODESCHINI

Extensionista rural do Escritório Regional da Emater/RS-Ascar de Caxias do Sul



Berselli iniciou com aveia, depois adotou nabo forrageiro e hoje opta por azevém

# O vinho melhora com o tempo... e com a técnica

**MOSTRA REGIONAL DE VINHOS ARTESANAIS, EM DAVID CANABARRO, CHEGA À 18ª EDIÇÃO EM 2024, ENVOLVENDO MUNICÍPIOS DA MICRORREGIÃO DE MARAU**

**VANESSA ALMEIDA DE MORAES**

“Boa é a vida, mas melhor é o vinho”, diz a frase creditada ao poeta português Fernando Pessoa. De longa data é a relação do ser humano com esta bebida vinda da uva. Para brindar, comemorar, em festas, em ritos religiosos, o vinho é bebida presente.

De acordo com dados da Embrapa, no Rio Grande do Sul as primeiras videiras foram introduzidas pelos padres jesuítas e posteriormente cultivares viníferas foram trazidas pelos imigrantes alemães. A vitivinicultura gaúcha teve um grande impulso a partir de 1875, com a chegada dos imigrantes italianos, que trouxeram consigo variedades europeias, sobretudo da região do Vêneto, além da cultura e tradição de produção e consumo de vinhos. Ainda segundo a Embrapa, as condições climáticas do Rio Grande do Sul, no entanto, não favoreciam o cultivo de cultivares europeias. Foi então que a introdução da variedade Isabel (*V. labrusca L.*), de origem americana, forneceu a base para o estabelecimento da vitivinicultura nos estados do Rio Grande do Sul e de São Paulo.

Diante desse histórico, começa a se desenhar a ligação de uma região e seu povo com o vinho. No ano 2005, mais precisamente em 9 de dezembro, 13 municípios que compõem a microrregião de Marau realizaram a primeira Mostra Regional de Vinhos Artesanais, no município de David Canabarro. Em 2024, a mostra está na sua 18ª edição, número que representa a maioria e que, no frescor da idade, colhe belas histórias e conquistas.

A partir da primeira edição, os municípios passaram a organizar as mostras municipais, com os melhores vinhos sendo então avaliados na fase Regional.

Desde o início, os objetivos dos eventos são promover o resgate cultural, a integração entre os produtores, oportunizar e contribuir para a melhoria da qualidade dos vinhos produzidos, incentivar a legalização das cantinas rurais, gerar desenvolvimento para as comunidades locais e, num segundo momento, renda para as famílias envolvidas.

Além das avaliações feitas pelos juristas técnico e popular, os produtores

Fotos: Divulgação, Emater/RS-Ascar



Primeira edição do evento aconteceu em 2005, e a mostra chega à maioria: ao longo dos anos, o produto conquistou cada vez mais o paladar dos consumidores

res participaram de palestras e capacitações ao longo dos anos, trazendo melhoria gradativa aos vinhos.

Para o produtor Ronaldo Moraeschi, do município de David Canabarro, a primeira mostra ainda está na lembrança. Desde 2021 ele tem uma cantina legalizada, mas relembra que o início não foi fácil. “Faz muitos anos da primeira mostra. A gente tinha até medo, porque era uma época que se engatinhava em vinhos de qualidade. Eram fei-

tos muitos vinhos nos porões, mas sem qualidade. Foi organizada, com a Emater sempre à frente, e foi muito satisfatório participar”, recorda. Ele afirma que antes ninguém falava em fazer análises na região, em acidez volátil, em nível de açúcar, por exemplo. “Então a gente começou a entender, conhecer melhor esse produto e com certeza a Emater, que entrava em contato com gente especializada, ajudou a agregar cada vez mais conhecimento. Foi muito bom

para nós. Agradeço à Emater por estar sempre ao nosso lado, porque sozinhos não vamos muito longe e espero que ela (*Emater*) esteja sempre conosco”, salienta.

Já do município de Vanini, quem traz as recordações é o produtor Vanderley Tibolla, filho de Dol Mar Tibolla. “Meu pai sempre teve gosto por parreiras e por produzir vinho. Quando veio morar em Vanini, plantou algumas parreiras no fundo do seu terreno. No ano de 1975 ele adquiriu uma terra no município de David Canabarro, plantou parreiras e começou a produzir vinho para o seu consumo. Em 2005 comprou uma área no município de Vanini, na Capela de Nossa Senhora do Caravaggio. Foi aí que ele plantou em torno de meio hectare de parreiras para produzir vinho, sempre incentivado pelo técnico da Emater. No início da construção do parreiral, contou com a ajuda minha e de meu filho, que desde os seis anos já tinha gosto por parreiras”, conta Vanderley.

Segundo Vanderley Tibolla, foram plantadas diversas variedades, como Bordeaux, Isabelle, Cabernet,

Francesa, Lorena e uvas de mesa. O destaque fica por conta do primeiro lugar conquistado na primeira Mostra de Vinhos, em David Canabarro, com a variedade Cabernet. “Participar dessa primeira mostra foi muito importante, pois foi incentivo no início da produção. Ele mantém até hoje o primeiro certificado, recebido naquela época. A partir deste evento tivemos melhoria na qualidade das uvas, continuamos a participar das demais mostras e não deixamos de estar presentes em nenhuma delas, desde a primeira até a que ocorrerá agora neste ano”, frisa Vanderley.

Hoje, a família produz as variedades Bordeaux, Francês, Isabel e a Goethe, mais conhecida como casca dura. “A produção foi passando de geração para geração. Meu pai hoje, com 85 anos, não trabalha mais no processo, passou para mim. E agora quem cuida do parreiral e toda a produção é meu filho, Tomás, que é engenheiro agrônomo e mantém esse gosto vivo que meu pai iniciou. Pretendemos levar isto adiante por muitos anos”, projeta.

CONTINUA NA PÁGINA 25



Os vinhos submetidos à avaliação motivam os produtores ao aprimoramento



# O segredo foi a disposição para melhorar

Um dos idealizadores das mostras é o ex-extensionista Gilmar Meneghetti, supervisor microrregional da Emater/RS-Ascar, que hoje atua como pesquisador da Embrapa Amazônia Ocidental. Ele conta que tudo começou com um diagnóstico da qualidade dos vinhos, feito junto aos escritórios municipais da Instituição. “Identificamos a necessidade de melhorar a qualidade dos vinhos. Muitos deixavam a desejar em termos de qualidade”. A partir desse diagnóstico teve início um trabalho, desde o manejo dos parreirais até a elaboração do vinho. Para isso, contou-se com a parceria da Embrapa Uva e Vinho, do Instituto Federal, Fepagro e de outros órgãos privados que trabalhavam ou tinham relação com a viticultura.

Foi então que surgiram as mostras. “As mostras de vinho, tanto municipais quanto regionais, tinham o objetivo de apresentar para as pessoas, para a comunidade, para a região, o trabalho realizado para melhorar a qualidade desses vinhos. E era um momento de reconhecer o esforço dos agricultores e técnicos para melhorar a qualidade da bebida”, explica Meneghetti, destacando a parceria entre a Extensão Rural e Social, os agricultores, comunidades, prefeituras e demais entidades.

Meneghetti destaca o espírito de confraternização e a comemoração pelos resultados alcançados. “A gente procurou desestimular o espírito de concorrência, mas incentivando a socialização, premiando os vinhos sem fomentar a competição, um trabalho típico e bem característico da

Extensão Rural e Social”, frisou, ao falar sobre as mudanças na realidade das famílias e das comunidades e a melhoria, de fato, na qualidade dos vinhos. “Eram vinhos muito ácidos, com problemas e uma série de defeitos. Poucos anos depois conseguimos ver a melhoria ocorrida na produção de vinho na região”, relembra, acrescentando que se criou uma identidade de vinhos, em nível de região, e os consumidores buscavam esses vinhos premiados, que eram de agricultores que eles conheciam.

Sobre as mostras estarem na 18ª edição, Meneghetti comemora. “É uma satisfação enorme e esse sentimento com certeza é compartilhado por todos os colegas que trabalharam na atividade. Se o evento permanece, é porque é bom, tanto na melhoria dos vinhos, quanto da confraternização das comunidades com a Extensão Rural e Social”, avalia.

## TRADIÇÃO FAMILIAR

Outro ex-extensionista, que hoje atua na Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), Jordano Girardi, também foi precursor. Ele conta que a produção artesanal de vinhos era uma tradição nas famílias, muitas vezes feitos com as últimas uvas que saíam do parreiral, com equipamentos de madeira, sem os devidos cuidados, inclusive de higiene, o que de início já comprometia a qualidade dos vinhos. Diante da realidade, Girardi conta que foi feito um desafio entre os extensionistas dos escritórios municipais da Emater/RS-Ascar, lembrando nomes como Darcy Preto, João Carlos Reginato, Justino Alberti, Idanir Bianchetti, Hélio Rissardo, com o apoio do supervisor da época, Gilmar Meneghetti. Ele acrescenta ainda o apoio da Embrapa Uva e Vinho, de Bento Gonçalves, por meio do profissional Luiz Antenor Risson.

Entre as ações, Girardi destaca as capacitações e visitas técnicas com produtores na Embrapa Uva e Vinho, sobre o processo de vinificação. “Com uma abordagem mais simples, favorecendo a compreensão dos produtos recomendados, seleção de uvas, todos detalhes importantes



Um aspecto destacado é o engajamento dos produtores, que acreditaram na perspectiva de melhorar o vinho artesanal

para proporcionar melhor qualidade aos vinhos. Nos instrumentalizamos sobre o processo e a aferição de equipamentos para medir a graduação da uva, a fim de permitir que a colheita fosse num estágio mais adequado. Se fez um trabalho técnico, dos pontos de maturação de cada variedade, bem como dos materiais utilizados e dos ambientes de elaboração de vinhos”, detalha.

Além da Embrapa, a Epagri e a Fepagro tiveram papéis importantes

na formação dos extensionistas e produtores que passaram a dar cursos de elaboração de vinhos. Outro ponto fundamental foi o engajamento dos produtores, que acreditaram na perspectiva de melhorar o vinho artesanal.

Como resultado, Girardi comenta sobre a mudança de escala. “Alguns produtores partiram para um processo um pouco mais técnico, profissional e de produção em escala. A gente sabe que têm produtores que registraram suas cantinas e isso

nos enche de alegria”. Assim como o pesquisador Gilmar Meneghetti, Girardi reforça que as mostras não buscavam nem fomentavam a competição, mas a interação e a troca de conhecimentos.

“Dá para se dizer que o resultado é um sucesso que envolveu muitas pessoas. A gente fica muito feliz e satisfeito de saber que isso evoluiu para um cenário de produção de uma bebida com melhor qualidade para todos”, finaliza Girardi.

**A gente fica muito feliz e satisfeito de saber que isso evoluiu para um cenário de produção de uma bebida com melhor qualidade para todos.”**

### JORDANO GIRARDI

Ex-extensionista da Emater/RS-Ascar, que hoje atua na Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

## A PALAVRA DO ENÓLOGO

O extensionista da Emater/RS-Ascar de Bento Gonçalves, Thompson Didoné, que também é enólogo, contribuiu muito com todo o processo, como avaliador técnico dos vinhos. Ele comenta sobre o valor cultural passado de geração a geração na fabricação dos vinhos e os avanços que as mostras trouxeram na qualidade, sem perder a essência. “Já participei de várias mostras, no mínimo umas 40 ou 50 pelo Estado. Em praticamente todas são oferecidos cursos de melhoramento e aprimoramento”, explica Didoné, ao falar da qualificação. “Vejo as mostras primeiramente como valorização da arte e do saber do agricultor na elaboração de vinho”, finaliza.



A busca da qualidade inspirou a realização de muitos eventos em toda a região



Os profissionais da Emater/RS-Ascar auxiliam os produtores em diversas etapas

## DANDO SEQUÊNCIA

Um evento que é um trabalho construído a tantas mãos e chegou à 18ª edição precisa receber um olhar atento. O bastão está sob o comando das equipes atuais, com a coordenação do assistente técnico regional da Emater/RS-Ascar de Passo Fundo, Vilmar Wruch Leitzke.

Para ele, nessa trajetória de mostras de vinhos, são incontestáveis os ganhos observados em termos de qualidade dos produtos. “Entendo que os ganhos são muito maiores pois, além da qualificação, trata-se de um momento de comemoração e valorização do saber fazer, de preservar uma arte histórica trazida pelos imigrantes”, analisa Leitzke. Além disso, o agrônomo reforça a oportunidade de ofertar esses vinhos qualificados ao mercado, por meio da regularização das cantinas coloniais, conciliando o saber fazer, o resgate cultural, a qualidade do produto e a oportunidade de renda e melhor qualidade de vida para as famílias envolvidas, em um contexto de desenvolvimento local.

# Cooperativa de Mulheres Rurais Koloniegeschmack leva sabores e aromas da colônia para a Expointer

FORMADA EM SAPIRANGA, A ENTIDADE, CUJO NOME EM PORTUGUÊS SIGNIFICA "SABORES DA COLÔNIA", ELABORA ALIMENTOS QUE FAZEM PARTE DA CULINÁRIA ALEMÃ

**RAYANE GONÇALVES  
E CARINE MASSIERER**

O cheirinho da comida caseira colonial, feita com amor, está sendo preservado pelas mulheres rurais de Saporanga, que resolveram empreender e levar adiante os sabores e aromas da colônia, mantendo a tradição passada de geração em geração. A afinidade e a vontade fizeram com que um grupo de mulheres se unisse para fazer cucas e pães em 2018 e formasse a associação Koloniegeschmack, que, em português, significa sabores da colônia. A força e a determinação fizeram com que elas evoluíssem para a formação da Cooperativa de Mulheres Rurais de Saporanga Koloniegeschmack (Coomaks) em 24 de julho de 2024. O próximo desafio é a apresentação destas delícias para os visitantes da 47ª Expointer.

A coordenadora da Coomaks, Leila Helena Kronbauer, ressalta que a participação em um evento com a magnitude da Expointer é um desafio, mas não esconde a animação. "Os extensionistas da Emater/RS-Ascar nos indicaram para estar presentes no Pavilhão da Agricultura Familiar durante esta edição e estamos com boas expectativas. Preparamos um cardápio com muito carinho e cuidado para que todos gostem e esperamos atender muito bem o público que passa pelo local", comenta.

## UMA CAMINHADA DE FORTALECIMENTO E UNIÃO

Desde a constituição do grupo, a Emater/RS-Ascar está presente em seu cotidiano, prestando apoio técnico, levando informações, promovendo capacitações e auxiliando na inscrição para a participação em feiras. "A partir de 2017 e no começo de 2018, eu comecei a fazer um levantamento da situação de mulheres e jovens no meio rural e percebi que algumas possuíam agroindústria e vendiam para a alimentação escolar", lembra a extensionista rural social da Emater/RS-Ascar, Angelisa da Silveira.



A Cooperativa de Mulheres Rurais de Saporanga Koloniegeschmack (Coomaks)

A extensionista recorda que, para atender à necessidade de qualificação dos produtos, as mulheres foram participar de um curso de panificação oferecido no Centro de Treinamento da Instituição em Erechim. "Durante a viagem de volta da capacitação, as participantes começaram a criar um vínculo muito forte e pensaram que poderiam constituir uma única agroindústria coletiva. Essa era a possibilidade inicial".

As reuniões todas as segundas-feiras passaram a fazer parte da rotina do grupo, que foi se fortale-

cendo e decidiu formar uma associação e construir um projeto para uso da Casa do Agricultor, que estava desativada. A Casa do Agricultor é um ponto turístico administrado pela Prefeitura, que fica na ERS-239, e que pela proposta passaria a ser utilizado pelas mulheres para venda de seus produtos e oferecimento de cafés coloniais. O projeto foi elaborado pela Emater/RS-Ascar e bem aceito pela administração municipal, que cedeu o ponto à cooperativa para que elas potencializem o local novamente.



Cucas, pães e doces são algumas especialidades do grupo de produtoras rurais

No momento a Casa do Agricultor passa por reformas e, em breve, será reativada.

A coordenadora da Coomaks salienta que a Emater/RS-Ascar esteve nessa caminhada em todas as etapas. "Os extensionistas estiveram sempre conosco, nos deram muito apoio e foram fundamentais para que o grupo pudesse começar, pois, se fosse por conta própria, não teríamos a unidade de hoje e talvez nem tivéssemos dado continuidade ao trabalho".

A extensionista rural social Ma-

ristela Rampel Ebert, da Emater/RS-Ascar, que trabalha em Saporanga atualmente e acompanha as ações da cooperativa, mostra-se encantada com a união, a eficiência e a constante busca das mulheres por evoluir. "Elas estão sempre participando de novas capacitações e, quando voltam, ensinam as demais que não puderam comparecer, o que nos permite ver a evolução delas como grupo desde 2018 até agora, com uma dinâmica de organização muito bem construída", elogia a extensionista.

## A transformação em cooperativa

A passagem do status de associação para cooperativa foi sendo construída para ampliação do mercado, pois, com o CNPJ, elas passam a acessar novas oportunidades que antes eram restritas. Com isso, é esperado o aumento do lucro e da renda para as mulheres. A partir da formação da cooperativa, em 24 de julho deste ano, elas cumprem todos os requisitos e, por isso, foram convidadas para participar da Praça da Alimentação do Pavilhão da Agricultura Familiar, na 47ª Expointer.

O extensionista rural social Alexandre Schmidt, da Emater/RS-Ascar, que acompanha o processo de inscrição da cooperativa no Pavilhão, conta que foram realizadas reuniões para que elas se preparassem para esta nova experiência que é estar presente na exposição e comercializar seus pratos típicos da cultura alemã.

Leila Helena Kronbauer comenta que elas estão felizes com este grande desafio e se mantendo positivas; porém, compartilham a preocupação com a intensa demanda de trabalho durante o evento. "Temos a experiência de preparar almoço para grupos maiores, já que participamos da Festa das Rosas, que ocorre por vários dias no município, e sabemos como é trabalhar nessas condições. Será desafiador, mas acreditamos que iremos conseguir atingir nossos objetivos", projeta.



Cooperatizadas, elas comercializam os alimentos típicos da culinária alemã

# Produtores garantem aumento da produtividade através da irrigação

**PROGRAMA SUPERA ESTIAGEM BUSCA MITIGAR OS EFEITOS DOS PERÍODOS DE ESTIAGEM, AUMENTAR A RESERVA DE ÁGUA E A IRRIGAÇÃO; COM ISSO, CRESCE O RENDIMENTO**

**TEREZINHA VILK**

A irrigação vem sendo uma das ferramentas para o enfrentamento das estiagens que têm ocorrido no Rio Grande do Sul. Nesse sentido, uma das políticas públicas que estão sendo implementadas é o programa Supera Estiagem, do Governo do Estado, através da Secretaria da Agricultura, Pecuária, Produção Sustentável e Irrigação (Seapi), que busca mitigar os efeitos dos períodos de escassez de chuvas, aumentar a reserva de água e a irrigação e, conseqüentemente, elevar a produtividade das culturas. O programa é destinado a todos produtores rurais (pessoas físicas) e beneficia projetos de implantação ou ampliação de sistemas por aspersão, localizada ou por sulcos; além da construção, adequação ou ampliação de reservatórios de água para fins de irrigação.

Na primeira fase, com a implantação do programa em 2023, a região do Alto Uruguai teve a adesão de 21 produtores, que instalaram sistemas de irrigação por aspersão destinados a pastagens, grãos e fruticultura. Na segunda fase, iniciada em março deste ano, a região de Erechim já encaminhou nove dos 40 projetos previstos pela Seapi para 2024.



Família Ceron, de Marcelino Ramos, implantou irrigação em sete dos 12,5 hectares da propriedade, com ajuda do programa

O agricultor de Campinas do Sul, Álvaro Parmegiani, cuja propriedade possui área total de 135 hectares destinados ao cultivo de grãos, como soja, milho, trigo e aveia, dos quais 44 ha são irrigados, optou pelo sistema de pivô central. “Com certeza vamos incrementar a área irrigada, pois conseguimos aumentar a produção das safras com a mesma área e ter maior lucratividade por

hectare”, avalia. Outra vantagem, segundo Parmegiani, é a possibilidade de implantação de mais cultivos na mesma área.

A família Ceron, de Marcelino Ramos, também apostou na irrigação e é outro exemplo de sucesso. O produtor Eder Cristian Ceron, que tem suas atividades voltadas para criação de suínos e gado de leite, destaca as vantagens obtidas com o sistema.

Dos 12,5 hectares da propriedade, sete são irrigados, com sistema de irrigação financiado pelo programa Supera Estiagem. A ideia, segundo o produtor, é aumentar a área irrigada em mais um hectare. “Com o sistema de irrigação conseguimos aumentar a produção de alimentos utilizando a mesma área”, conta.

## SEGUNDA ETAPA DO SUPERA ESTIAGEM

O programa custeará 20% do valor do projeto, até o teto de R\$ 100 mil por produtor, para a implantação de projeto de irrigação e é destinado a produtores de qualquer região do Estado. O Supera Estiagem terá um repasse de R\$ 213, 2 milhões para a subvenção de projetos de irrigação em quatro anos, com expectativa de aumentar a área irrigada no RS em cerca de cem mil hectares.

Os produtores que tiverem interesse em aumentar suas áreas irrigadas podem procurar os escritórios municipais da Emater/RS-Ascar. Os projetos de irrigação com subvenção econômica podem ser elaborados até o dia 21 de novembro de 2024.



Em Campinas do Sul, produtor Álvaro Parmegiani também instalou sistema de irrigação, nesse caso com um pivô central

### JORNAL DA EMATER

A agricultura familiar em destaque –  
Parceria entre a Emater-RS/Ascar  
e a Editora Gazeta

### EXPEDIENTE

#### EMATER-RS/ASCAR

**Wilson Covatti**

Secretário de Desenvolvimento Rural do Rio Grande do Sul

**Clair Kuhn**

Secretário da Agricultura, Pecuária, Produção Sustentável e Irrigação

**Mara Helena Saalfeld**

Presidente da Emater/RS e

Superintendente Geral da Ascar

**Claudinei Baldissera**

Diretor Técnico da Emater/RS e

Superintendente Técnico da Ascar

**Alexandre Durans**

Diretor Administrativo da

Emater/RS e Superintendente

Administrativo da Ascar

**Carina Venzo Cavalheiro**

Gerente de Comunicação

da Emater/RS-Ascar

**Carine Massierer**

Gerente Adjunta de Comunicação

da Emater/RS-Ascar



**EDITORA GAZETA**

Rua Ramiro Barcelos, 1.224

CEP 96.810-900, Santa Cruz do Sul (RS)

Telefone: 0 55 (xx) 51 3715 7940

Fax: 0 55 (xx) 51 3715 7944

E-mail: redacao@editoragazeta.com.br

Sítio: editoragazeta.com.br

**Editor:** Romar Rudolfo Beling

**Projeto gráfico e diagramação:**

Márcio Oliveira Machado

**Arte de capa:** Márcio Oliveira Machado

**Arte-final, tabelas e gráficos:**

Márcio Oliveira Machado

**Marketing:** Suzi Montano,

Jerusa Assmann e Emily Zago de Souza

**Distribuição:** Emily Zago de Souza

**Impressão:** Gráfica da Gazeta do Sul,

Santa Cruz do Sul (RS)

**Tiragem:** 8.500 exemplares.

**DISTRIBUIÇÃO DIRIGIDA.**

É permitida a reprodução de informações deste jornal, desde que citada a fonte.

Santa Cruz do Sul, setembro de 2024.

### COLABORARAM

#### NAS REPORTAGENS:

Adriane Bertoglio Rodrigues,

Carina Venzo Cavalheiro,

Carine Massierer,

Deise Anelise Froelich,

Cleuza Noal Brutti,

João Vicente Ribas,

Marcela Buzatto,

Marlusa Oliveira,

Mateus de Oliveira,

Mônica Petry,

Rayane Gonçalves,

Rejane Paludo,

Terezinha Vilck,

Tiago Bald e

Vanessa Almeida de Moraes.

# Agroindústria Familiar: parceria estratégica com Governo mantém o mercado na Expointer

**MANTER A EXPOINTER, MESMO APÓS A CATÁSTROFE CLIMÁTICA, SERÁ FUNDAMENTAL PARA O FLUXO DE CAIXA DAS CERCA DE 400 AGROINDÚSTRIAS FAMILIARES QUE PARTICIPAM DO EVENTO**

**CLEUZA NOAL BRUTTI**

Donos de agroindústrias familiares sabem o quanto uma parceria estratégica pode ser crucial para a saúde financeira do negócio. Por isso, a decisão do Governo do Estado de manter a data da Expointer, mesmo após a pior catástrofe climática do Rio Grande do Sul, ocorrida no final de abril e começo de maio, dissipou o mar de incerteza que pairava sobre o fluxo de caixa desses empreendimentos. A Expointer, para as aproximadas 406 agroindústrias e sete cozinhas que participam gratuitamente do Pavilhão da Agricultura Familiar, representa uma excelente oportunidade de aumento de receita e lucratividade.

Alisson Paulineli, proprietário da agroindústria de mel Paulineli, de Colorado, suspirou aliviado. “Quando ocorreu a enchente e se pensava no cancelamento da Expointer, ficamos bem apreensivos, porque iria comprometer, além do nosso faturamento do ano, os produtos que temos guardado à espera da feira”, disse ele. “Então, recebemos a notícia com grande alívio”, concluiu o produtor.

Para este ano, os agricultores familiares confiam que a Expointer possa superar o mal momento vivido em função dos eventos climáticos. Eles nutrem a expectativa de ultrapassar o faturamento recorde da última edição, quando o Pavilhão



Espaço para comercializar os produtos agora é fundamental para os produtores

da Agricultura Familiar, que além das agroindústrias também comporta artesanato, flores e plantas,

acumulou alta de 7% em relação ao ano de 2022, alcançando um faturamento de R\$ 8,67 milhões.



Além da Expointer, outros momentos para comercialização foram organizados



Variedade e qualidade dos produtos da agroindústria familiar são reconhecidas

**“ Quando ocorreu a enchente e se pensava no cancelamento da Expointer, ficamos bem apreensivos, porque iria comprometer, além do nosso faturamento do ano, os produtos que temos guardado à espera da feira.”**

**ALISSON PAULINELI**

Proprietário da agroindústria de mel Paulineli

## FEIRAS SÃO MERCADO CERTO EM TEMPOS DE INCERTEZA CLIMÁTICA

A maior tragédia ambiental do Rio Grande do Sul afetou não somente as agroindústrias localizadas nas regiões alagadas pelas enchentes, mas respingou seus efeitos negativos sobre o calendário de feiras, prejudicando também as agroindústrias gaúchas que estão fora do epicentro climático.

Uma resposta imediata foi formatada pelo Escritório Regional da Emater/RS-Ascar, junto com parceiros, que decidiram resgatar a Feira Estadual de Agroindústria Colonial (Fecolônia). O objetivo foi criar espaços em Ijuí de comercialização para os produtos coloniais, tendo em vista que o calendário de diversas feiras no RS havia sido suspenso em função das enchentes.

A Fecolônia ocorreu então nos meses de junho e agosto e novas edições ocorrerão até o final do ano, no Parque de Exposições Wanderley Burmann, em Ijuí. “Acredito que seja uma excelente ideia, porque estamos vivendo uma condição fora do costume, por isso estamos buscando futuras comercializações, para agregar valor ao nosso produto e dar sustentabilidade à nossa propriedade”, disse um dos participantes da feira e proprietário da Agroindústria Rapaduras Scheer, de Augusto Pestana, Clóvis Scheer.

Já na Região de Santa Maria uma das estratégias para escoamento da produção e apoio aos produtores foi um pavilhão exclusivo para as agroindústrias, coordenado pela Emater/RS-Ascar, Coesperança e a Secretaria Municipal de Agricultura, dentro da 30ª Feira Internacional do Cooperativismo (Fecoop), realizada em Santa Maria, em julho. O evento contou com 40 expositores e a feira atraiu cerca de 150 mil pessoas, que puderam adquirir produtos da agricultura familiar.

Na Região de Santa Maria são 330 agroindústrias cadastradas, legalizadas ou em processo de legalização que integram o Programa Estadual de Agroindústria Familiar (Peaf), da Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR) e que é executado pela Emater/RS-Ascar.

# A VIDA COM MUITO MAIS SABOR

O JORNAL DA EMATER – ESPECIAL EXPOINTER 2024 COMPARTILHA COM OS LEITORES RECEITAS ESPECIAIS DE ALIMENTOS QUE PODEM SER APRECIADOS NO MAIOR EVENTO DO AGRO NO RIO GRANDE DO SUL, MAS QUE TAMBÉM PODEM SER PREPARADOS EM CASA!

## COZINHA SHOW – EXPOINTER 2024

### Torta de abóbora com cachaça

Adaptado de Leonardo Nogueira

#### INGREDIENTES PARA MASSA

- 2 xícaras (chá) de farinha de trigo - 160 g
- 1 e xícara (chá) de manteiga - 150 g
- 5 colheres (sopa) de água - 50 1/4ml
- 1/2 colher (chá) de sal temperado - 2 g

#### MODO DE PREPARO

- 1º - Misture todos os ingredientes até formar uma massa homogênea.
- 2º - Abra a massa numa forma redonda de 22 cm de diâmetro e fundo removível, cobrindo também a lateral. Fure a massa com um garfo e deixe descansar na geladeira por pelo menos 30 minutos (se preferir, prepare a massa no dia anterior).
- 3º - Corte um círculo de papel manteiga, coloque sobre a massa e preencha o fundo com grãos de feijão cru para evitar que a massa infle ao assar.
- 4º - Leve ao forno preaquecido a 180°C (temperatura média) para assar por cerca de 30 minutos, até as bordas começarem a dourar.

#### INGREDIENTES PARA O RECHEIO

- 2 pratos de abóbora Cabotiá em cubos - 300 g
- 1/2 colher (chá) de sal temperado - 4 g
- 1/2 colher (chá) de pimenta moída - 4 g
- 2 cebolas médias em fatias finas - 200 g
- 1 colher (sopa) de óleo - 10 ml
- 1 colher (sopa) de açúcar mascavo - 10 g
- 1/2 xícara (chá) de cachaça - 75 ml
- 1 e 1/2 xícara (chá) de queijo parmesão ralado - 150 g
- 1 e 1/2 xícara (chá) de queijo colonial em cubos - 150 g

#### MODO DE PREPARO

- 1º - Tempere a abóbora com o sal e a pimenta, distribua numa forma e leve para assar.
- 2º - Numa frigideira, refogue a cebola com o óleo, acrescente o açúcar e mexa para dissolver.
- 3º - Acrescente a cachaça e aproxime da boca do fogão para flambar. Reserve.
- 4º - Misture a cebola flambada, a abóbora assada, o queijo o e distribua sobre a massa já assada.
- 5º - Leve ao forno para gratinar.

TEMPO DE PREPARO: 2 horas RENDIMENTO: 12 fatias



### Trufa de butiá

Adriana Conzatti

#### INGREDIENTES

- 1 xícara (chá) ou caixa de leite condensado - 395 g
- 1 xícara (chá) de nata - 200 g
- 6 colheres (sopa) de leite em pó - 60 g
- 1 xícara (chá) de chocolate branco picado - 80 g
- 3 colheres (sopa) de polpa de butiá - 30 g
- Leite em pó ou coco ralado para finalizar

#### MODO DE PREPARO

- 1º - Numa panela, misture o leite condensado, a nata, o leite em pó e o chocolate picado e leve ao fogo para cozinhar até desgrudar do fundo da panela.
- 2º - Desligue o fogo e misture a polpa de butiá.
- 3º - Transfira para um recipiente de vidro, feche com papel filme e leve para gelar por pelo menos duas horas.
- 4º - Retire da geladeira, molde as trufas, passe no leite em pó ou coco ralado e coloque nas forminhas.

TEMPO DE PREPARO: 3 horas

RENDIMENTO: 20 unidades



## Cheesecake de ricota com pêssegos ao vinho

Adaptado de Rita Lobo

### INGREDIENTES PARA A COBERTURA

- 8 metades de pêssego em calda
- 1 xícara (chá) de vinho branco seco

### MODO DE PREPARO

- 1o - Escorra os pêssegos e reserve a calda.
- 2o - Corte em fatias ou em cubos e coloque de molho com o vinho branco. Reserve.

### INGREDIENTES PARA A MASSA DA TORTA

- 1 xícara (chá) de farinha de trigo - 80 g
- 1 xícara (chá) de farinha de trigo integral - 40 g
- 4 colheres (sopa) de açúcar mascavo - 40 g colher (chá) de sal - 1 g
- 1 xícara (chá) de manteiga gelada cortada em cubos 100 g
- 1 colher (sopa) de água gelada 8 ml

### MODO DE PREPARO

- 1º - Misture as farinhas com o açúcar e o sal. Acrescente a manteiga e misture até formar uma farofa. Junte a gema e a água e misture, sem sovar.
- 2º - Modele a massa formando um disco, embale com filme e deixe na geladeira por pelo menos 30 minutos.
- 3º - Abra a massa numa forma redonda de 22 cm de diâmetro e fundo removível, cobrindo também a lateral, e fure a massa com um garfo.
- 4º - Leve ao forno preaquecido a 180 °C para assar por cerca de 30 minutos, até as bordas começarem a dourar.

### INGREDIENTES PARA O RECHEIO

- 1 peça de ricota - 200 g
- 2/3 de xícara (chá) de açúcar - 50 g
- 1 de xícara (chá) da calda do pêssego - 50 ml
- 2 colheres (sopa) de nata em temperatura ambiente - 40 g
- 2 ovos
- 5 colheres (sopa) de leite - 50 ml
- 1 colher (sopa) de raspas de laranja - 6 g
- 2 colheres (sopa) de farinha de trigo - 10 g
- 1/2 colher (chá) de extrato de baunilha (opcional)

**MODO DE PREPARO:** bata todos os ingredientes no liquidificador até formar um creme.

### MONTAGEM DO CHEESECAKE

- 1º - Retire a massa do forno, preencha com o recheio e leve ao forno na grade de cima. Na grade de baixo, coloque uma forma com água fervente para que a umidade do vapor da água evite que o recheio resseque.
- 2º - Deixe assar por cerca de 40 minutos, até o recheio firmar.
- 3º - Retire do forno e deixe esfriar em temperatura ambiente. Transfira para um prato, escorra os pêssegos no vinho, decore e sirva.

**TEMPO DE PREPARO:** 1h30min

**RENDIMENTO:** 1 torta ou 12 fatias médias



## Semifredo de cachaça com mel

Adriana Conzatti e Leila Ghizzoni

### INGREDIENTES

- 2 claras de ovo
- 4 colheres (sopa) de açúcar - 40 g
- 3/4 xícara (chá) de nata - 110 g
- 3 colheres (sopa) de mel - 45 g
- 1 colher (sopa) de cachaça - 10 ml
- 1 colher (chá) de raspas de laranja finas - 1 g
- Biscoitos amanteigados ou nozes (para acompanhamento) Raspas de laranja ou flores desidratadas (para enfeitar)

### MODO DE PREPARO

- 1º - Numa tigela média, coloque as claras, o açúcar e leve ao fogo para fazer banho-maria, mexendo com um "fuê"/batedor de claras até dissolver os grãos de açúcar, cerca de três minutos.
- 3º - Transfira as claras para a batedeira e bata em velocidade média até formar um merengue em picos médios. Reserve.
- 3º - Em separado, misture a nata com mel, a cachaça e as raspas de laranja.
- 4º - Misture com uma espátula um pouco do merengue e incorpore bem. Depois acrescente o restante e misture delicadamente, de baixo para cima.
- 5º - Coloque em forminhas de silicone ou copinhos de 50 ml e leve ao freezer para congelar por no mínimo três horas.
- 6º - Desenforme num prato e sirva com os biscoitos amanteigados picados ou nozes trituradas, enfeite com raspas de laranja ou flores desidratadas e sirva em seguida.

**TEMPO DE PREPARO:** 4 horas

**RENDIMENTO:** 10 unidades



## Quiche de bacon

Adriana Conzatti

### INGREDIENTES PARA MASSA

- 2 xícaras (chá) de farinha de trigo - 160 g
- 1 e 1/2 xícara (chá) de manteiga - 150 g
- 5 colheres (sopa) de água - 50 ml
- 1/2 colher (chá) de sal temperado - 2 g

### MODO DE PREPARO

- 1º - Misture todos os ingredientes até formar uma massa homogênea.
- 2º - Modele a massa formando um disco, embale com filme e deixe descansar na geladeira por pelo menos 30 minutos (se preferir, prepare a massa no dia anterior).
- 3º - Abra a massa numa forma redonda de 22 cm de diâmetro e fundo removível, cobrindo também a lateral. Fure a massa com um garfo.
- 4º - Leve ao forno preaquecido a 180 °C (temperatura média) para assar por cerca de 30 minutos, até as bordas começarem a dourar.

### INGREDIENTES PARA O RECHEIO

- 4 ovos
- 1 xícara (chá) de nata - 100g
- 2 xícaras (chá) de leite - 300g
- 1/2 xícara (chá) de bacon - 100 g
- 1 xícara(chá) de queijo colonial ou parmesão em cubos - 100g
- Noz-moscada a gosto
- 1/2 colher (chá) de sal temperado - 2 g

### MODO DE PREPARO

- 1º - Triture tudo no liquidificador. Acerte o sal.
  - 2º - Coloque por cima da massa pré-assada, retorne ao forno para assar até dourar por aproximadamente 20 minutos.
- DICA:** pode substituir o bacon por copa ou salame. Pode ser congelado, após assado, por até 30 dias. Para descongelar, leve congelado para o forno quente e sirva em seguida.

**TEMPO DE PREPARO:** 2 horas

**RENDIMENTO:** 12 fatias



## Risoto de butiá com salame

Adriana Conzatti, Leila Ghizzoni e Mariana Camargo

### INGREDIENTES

- 1/2 xícara (chá) de salame - 60 g
- 1 colher (sopa) de óleo - 10 g
- 1/2 xícara (chá) de cebola picada - 35 g
- 1 xícara (chá) de arroz - 150 g
- 1/2 xícara (chá) de vinho branco seco
- 4 colheres (sopa) de polpa de butiá - 40 g
- 7 conchas de caldo de legumes - 700 ml
- 1/2 xícara (chá) de queijo colonial ralado - 45 g
- 1 colher (chá) de sal temperado - 4 g

### MODO DE PREPARO

- 1º - Em uma panela, refogue o salame com óleo.
- 2º - Acrescente a cebola e refogue mais um pouco.
- 3º - Coloque o arroz e refogue até o grão ficar mais esbranquiçado.
- 4º - Junte o vinho e mexa até secar. Em seguida, aos poucos, acrescente o caldo de legumes aos poucos, mexendo sempre até que o arroz esteja al dente, aproximadamente 15 minutos.
- 5º - Finalize com a polpa de butiá, o queijo e o sal e misture.
- 6º - Sirva imediatamente após o preparo.

**TEMPO DE PREPARO:** 30 minutos

**RENDIMENTO:** 2 a 3 porções



## Almôndegas de linguiça

Leila Ghizzoni

### INGREDIENTES

- 2 xícaras (chá) de linguiça frescal - 300 g
- 2 colheres (sopa) de cebola picada - 30 g
- 1 colher de (sopa) de cebolinha verde picada - 5 g
- 1 colher de (sopa) de salsinha picada - 5 g
- 1 colher (cafezinho) de sal temperado - 2 g
- 1/2 xícara (chá) de queijo colonial em cubos de 1 cm - 20 g
- 1/2 xícara (chá) de farinha de mandioca (para empanar) - 40 g

### MODO DE PREPARO

- 1º - Abra a linguiça e desmanche dentro de uma tigela de vidro.
- 2º - Tempere com a cebola, a cebolinha, a salsinha e o sal. Tampe e deixe descansar na geladeira por 30 minutos.
- 3º - Pegue uma porção da massa, enrole envolvendo um cubinho de queijo, formando uma bolinha.
- 4º - Passe na farinha de mandioca, coloque em forma untada e leve para assar em forno a 200° C por 20 a 30 minutos. Sirva em seguida.

**SUGESTÕES:** Pode servir acompanhada de pasta/ antepasto de legumes ou caponata, ou geleia de pimenta. Também, se preferir, pode ser cozida no molho de tomate, no forno ou na panela.

**DICAS:** as almôndegas podem ser congeladas.

**TEMPO DE PREPARO:** 40 minutos

**RENDIMENTO:** 10 unidades



O JORNAL DA EMATER – ESPECIAL EXPOINTER 2024 COMPARTILHA COM OS LEITORES RECEITAS ESPECIAIS DE ALIMENTOS QUE PODEM SER APRECIADOS NO MAIOR EVENTO DO AGRO NO RIO GRANDE DO SUL, MAS QUE TAMBÉM PODEM SER PREPARADOS EM CASA!

## COZINHA SHOW – EXPOINTER 2024



### Rocambole de abobrinha, copa e tomate seco

Adaptado de Giuseppe Maiello

#### INGREDIENTES

- 3 abobrinhas médias
- 1 colher (sopa) de azeite de oliva
- 1/2 xícara (chá) de biomassa de banana verde ou ricota - 100 g
- 4 tomates secos em conserva
- 30 fatias finas de copa - 150 g
- 1 maço de rúcula

#### MODO DE PREPARO

- 1º - Higienize a abobrinha e a rúcula e reserve.
- 2º - Corte a abobrinha em fatias longitudinais finas e doure com azeite numa frigideira.
- 3º - Distribua as fatias lado a lado sobre um papel manteiga, formando uma base para o rocambole.
- 4º - Triture a biomassa ou ricota com o tomate seco formando uma pasta. Se necessário, coloque um pouco do azeite da conserva.
- 5º - Espalhe a pasta sobre a abobrinha, cubra com a copa e a rúcula e enrole o rocambole com ajuda do papel manteiga. Deixe descansar por 30 minutos na geladeira.
- 6º - Corte em fatias e sirva acompanhado de molho de sua preferência.

**SUGESTÕES DE MOLHOS:** molho pesto, molho agri-doce, molho mostarda e mel.

**TEMPO DE PREPARO:** 30 minutos

**RENDIMENTO:** 2 a 3 porções



### Brownie de nozes e crisps de bacon

Adaptado de Julia Postigo

#### INGREDIENTES

- 1/2 xícara (chá) de bacon picado em cubinhos - 100 g
- 2 ovos - 50g
- 4 colheres (sopa) cheias de açúcar mascavo - 60 g
- 2 xícaras (chá) de açúcar refinado ou cristal - 200 g
- 1 pitada de sal - 3g
- 2/3 de xícara (chá) de óleo - 90 g
- 4 colheres (sopa) de cacau em pó - 30 g
- 3/4 de xícara (chá) de farinha de arroz - 60 g
- 3/4 xícara (chá) de nozes picadas - 50 g

#### MODO DE PREPARO

- 1º - Refogue o bacon picado numa frigideira, até ficar crocante. Escorra a gordura e reserve.
- 1º - Com um "fuê"/batedor de claras, bata os ovos, o açúcar mascavo, o açúcar refinado ou cristal e o sal até dissolver bem o açúcar.
- 1º - Adicione o óleo e o cacau e misture novamente. Por último, acrescente a farinha de arroz e as nozes picadas e misture até incorporar bem.
- 1º - Coloque a mistura numa forma forrada de papel manteiga e distribua os crisps de bacon por cima.
- 1º - Leve para assar por aproximadamente 15 minutos ou até ficar a casquinha craquelada. Faça o teste com palito, o interior deve ficar cremoso. Se for necessário, mantenha no forno por mais dois minutos e repita o teste do palito.

**TEMPO DE PREPARO:** 30 minutos

**RENDIMENTO:** 18 a 20 porções



### Picolé de doce de leite com café

Adaptado de Rita Lobo

#### INGREDIENTES

- 2/3 de xícara (chá) de café passado - 100 ml
- 1 xícara (chá) de nata - 150 g
- 1 xícara (chá) de doce de leite - 180 g
- 2 claras de ovo
- 6 colheres (sopa) de açúcar mascavo - 60 g

#### MODO DE PREPARO

- 1º- Misture o café, a nata e o doce de leite. Reserve.
- 2º- Numa tigela média, coloque as claras, o açúcar e leve ao fogo para fazer banho-maria, mexendo com um "fuê"/batedor de claras até dissolver os grãos de açúcar, cerca de três minutos.
- 3º- Transfira as claras para a batedeira e bata em velocidade média até formar um merengue em picos médios.
- 4º- Junte um pouco do merengue ao creme de doce de leite e misture bem para incorporar. Adicione o restante do merengue e misture delicadamente, com movimentos de baixo para cima.
- 5º- Coloque em forminhas de picolé e leve ao freezer para firmar por pelo menos três horas.
- 6º- Retire do congelador, desenforme e sirva.

**DICAS:** se não tiver as forminhas de picolé, pode usar copinhos descartáveis de 50 ml. Se preferir, pode colocar os grãos de café moídos para decorar.

**TEMPO DE PREPARO:** 4 horas

**RENDIMENTO:** 12 picolés pequenos

